

FAIO

anoVIII . # 38

JOÃO PAULO

GUILHERME SANTI

THEOPHILUS BROWN

EDU DEVENS

POMPEIA FÁLICA

FALO® é uma publicação bimestral.
julho 2025.
ISSN 2675-018X
versão 20.07.25

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton.
site: Pedro Muraki

capa: parte de *Eu pinto, prazer em mostrar n° 5*, acrílica sobre tela de João Paulo, 2023.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COLAB55



COMPRE PRODUTOS FALO

Sumário

JOÃO PAULO

6

GUILHERME SANTI

18

FALO DE HISTÓRIA
Theophilus Brown

28

FALO em FOCO
Edu Devens

44

FALÓFORO

52

ESPECIAL
O corpo como lugar de dominação

56

FALORRAGIA
Pompeia: um vulcão sexual

60

CONTOS DO FALO
Pulp phallus

66

CRÔNICA FÁLICA
Nosso múltiplo sexo

68

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

70

FALO com VOCÊ

72

moNUmento

75



Uma edição que sai em julho vem sempre influenciada pelos eventos de junho, Mês do Orgulho LGBTQIAPN+. Mas esse orgulho precisa ir além desses 30 dias. Por exemplo, foi notado por diversos setores a ausência de investimento nessa celebração neste ano, após o avanço da extrema direita no mundo – principalmente, nos EUA. Mas o pior, foi ler nas redes que, uma semana após o fim de junho, mais um jovem morreu espancado por homofobia. Não adianta termos a maior Parada do mundo, quando somos impedidos de existir.

4

Orgulho não é um mês.

A escolha dos artistas desta edição foi feita previamente no início do ano, mas notei que, de alguma forma, ela ecoa esse cenário. João Paulo mostra desejos e corpos, mas também aponta obstáculos; Guilherme Santi esbarrou em receios (pautados em direitos) que impedem a masculinidade de ser repensada; Edu Devens censura a fragilidade do corpo com pênis; Duda Breda retorna à Falo pra revelar o corpo, seu corpo, dominado por violentas construções sociais; o poema de Luiz Doc vai abrindo os múltiplos caminhos repletos de bloqueios; e Ragle nos alerta sobre o escapismo da comunidade. E quando vemos Pompeia... uma cidade de sexualidade livre destruída por um vulcão... devemos refletir o quanto devemos lutar para viver em coletivo. Além das censuras. Além das cinzas. Além do tempo.

Orgulho não é de um só.

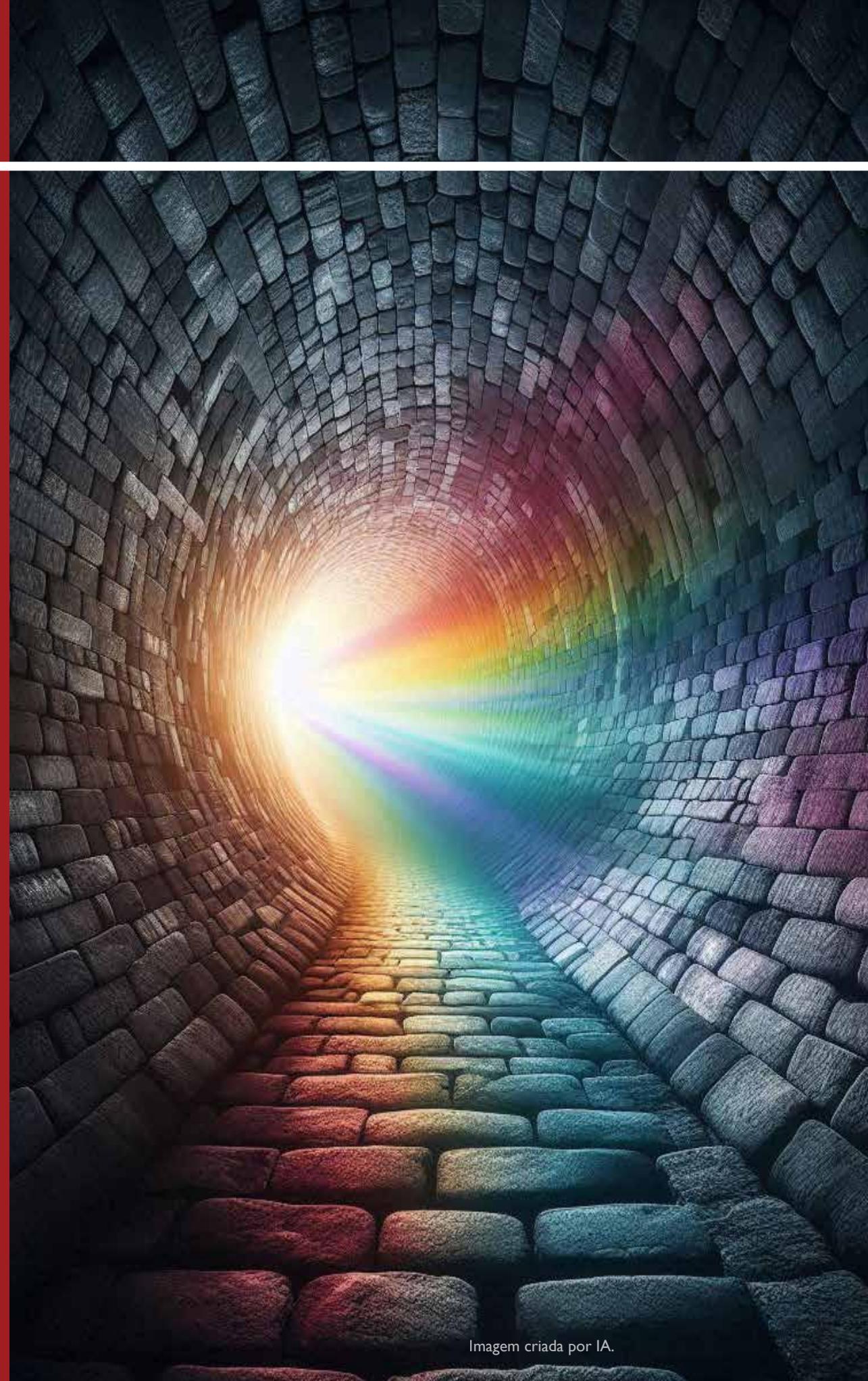


Imagem criada por IA.

Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitais. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Assim como somos capazes de enxergar brechas de luz nessa imensa escuridão – que ainda traz guerras, genocídios, fake news, racismo, xenofobia etc etc etc – aqui também fui em busca disso. Ao pesquisar vida e obra de Theophilus Brown para a seção Falo de História, descobri que ele viveu um relacionamento de 56 anos com Paul Wonner. 56 anos! Os dois artistas passaram pela Segunda Guerra, pela epidemia de Aids, e por muito mais, juntos.

Em sintonia com essa busca, Guilherme Correa evocou Alair Gomes para sua seção Falóforo. Aliás, Alair talvez seja um dos maiores falóforos (sacerdotes do falo) do Brasil e do mundo, que surpreendentemente ganhou uma exposição no Rio de Janeiro com obras explícitas dentro de uma instituição pública. Jozias Benedicto evocou os deuses gregos em seu conto, conectando-se às descobertas pompeianas de minha coluna falorrágica.

Orgulho é agir.

Uma revista não tem orientação sexual. O corpo do homem não é desejo exclusivo de gays (mulheres cis também podem desejá-lo, por exemplo). O falo não é um fator biológico ou uma identidade exclusiva da cis heteronormatividade com a realidade do mundo Trans e Intersexo. A diversidade não é exclusiva da comunidade... é da Natureza.

Então, se posicione.

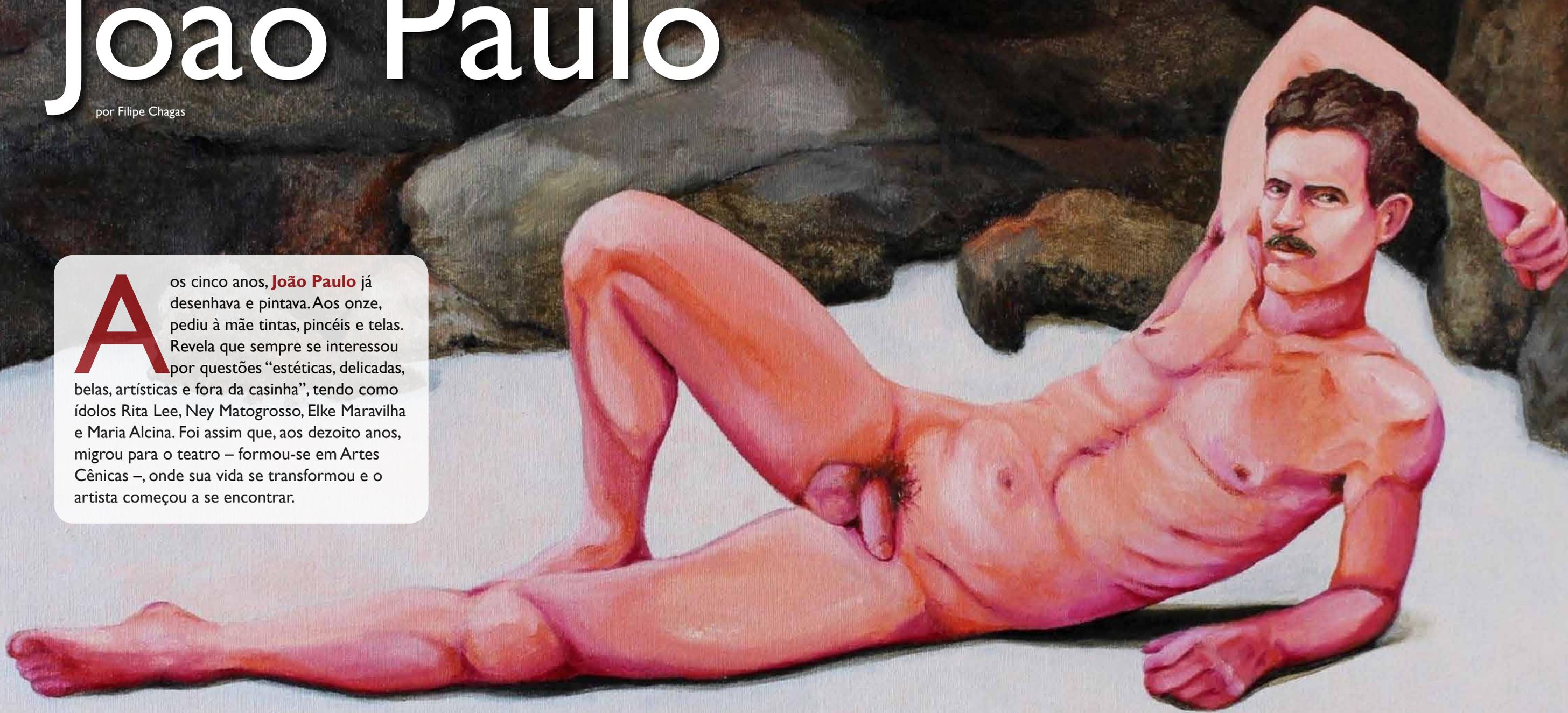
Filipe Chagas
criador e editor

5

João Paulo

por Filipe Chagas

Aos cinco anos, **João Paulo** já desenhava e pintava. Aos onze, pediu à mãe tintas, pincéis e telas. Revela que sempre se interessou por questões “estéticas, delicadas, belas, artísticas e fora da casinha”, tendo como ídolos Rita Lee, Ney Matogrosso, Elke Maravilha e Maria Alcina. Foi assim que, aos dezoito anos, migrou para o teatro – formou-se em Artes Cênicas –, onde sua vida se transformou e o artista começou a se encontrar.



Isto não é um homem nu

Em 2006, o chamado pela pintura foi mais alto e João Paulo retornou à prática. Com o foco em aprender e experimentar (“sou praticamente autodidata”), buscou diversos suportes e técnicas sem preocupação com estilo ou narrativa, mas a todo momento no figurativo, nas pessoas, na economia de cenários.

Era um misto de curiosidade, prazer e respostas. Os grandes mestres (Michelangelo, Caravaggio, Almeida Jr., Edward Hopper), os contemporâneos (Lucian Freud, Nelson Leirner, Alair Gomes), as visitas aos museus... sempre estiveram na pesquisa, no processo.

Com o passar dos anos outros caminhos e necessidades foram aparecendo, como encomendas e participação de salões. No entanto, João Paulo não se sentia satisfeito artisticamente, como se algo faltasse. Até que em 2017 realizou a pintura “Pausa no ateliê” de forma espontânea, bem particular e:

A equação fechou. Estava tudo ali: o estilo, a paleta de cores, as narrativas... minhas paixões, meus desejos, meus sentimentos, minhas angústias, minhas dores, minha orientação, meu ato político... meu sentido existencial. Era um espelho.

8

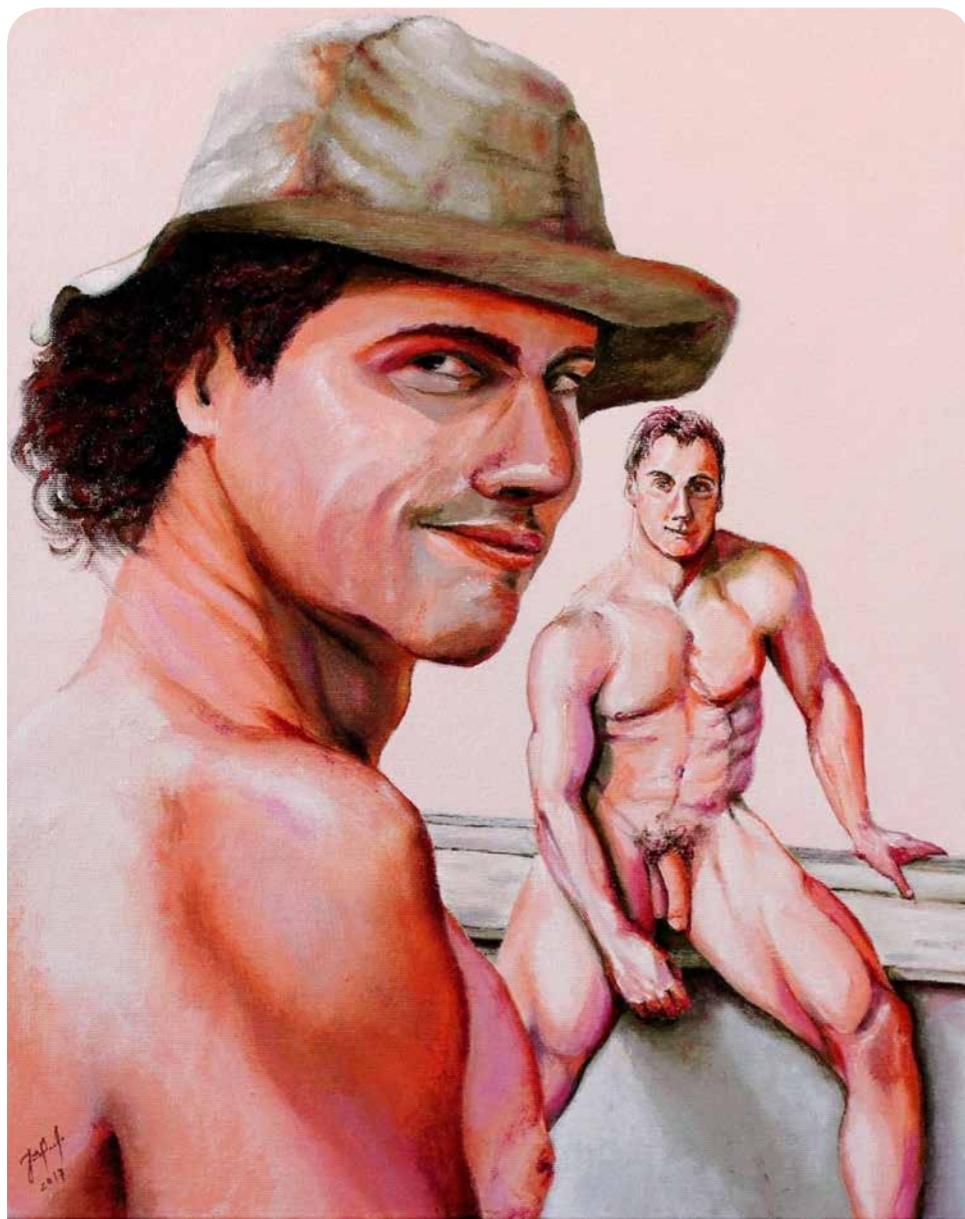
Na página de abertura:

Isto não é um homem nu, acrílica sobre tela, 2018.

A pintura é uma resposta ao episódio de censura da exposição *Queer* no Santander em Porto Alegre, 2017.

Ao lado:

Pausa no ateliê, acrílica sobre tela, 2017, da série *Desejo Necessidade Vontade*.



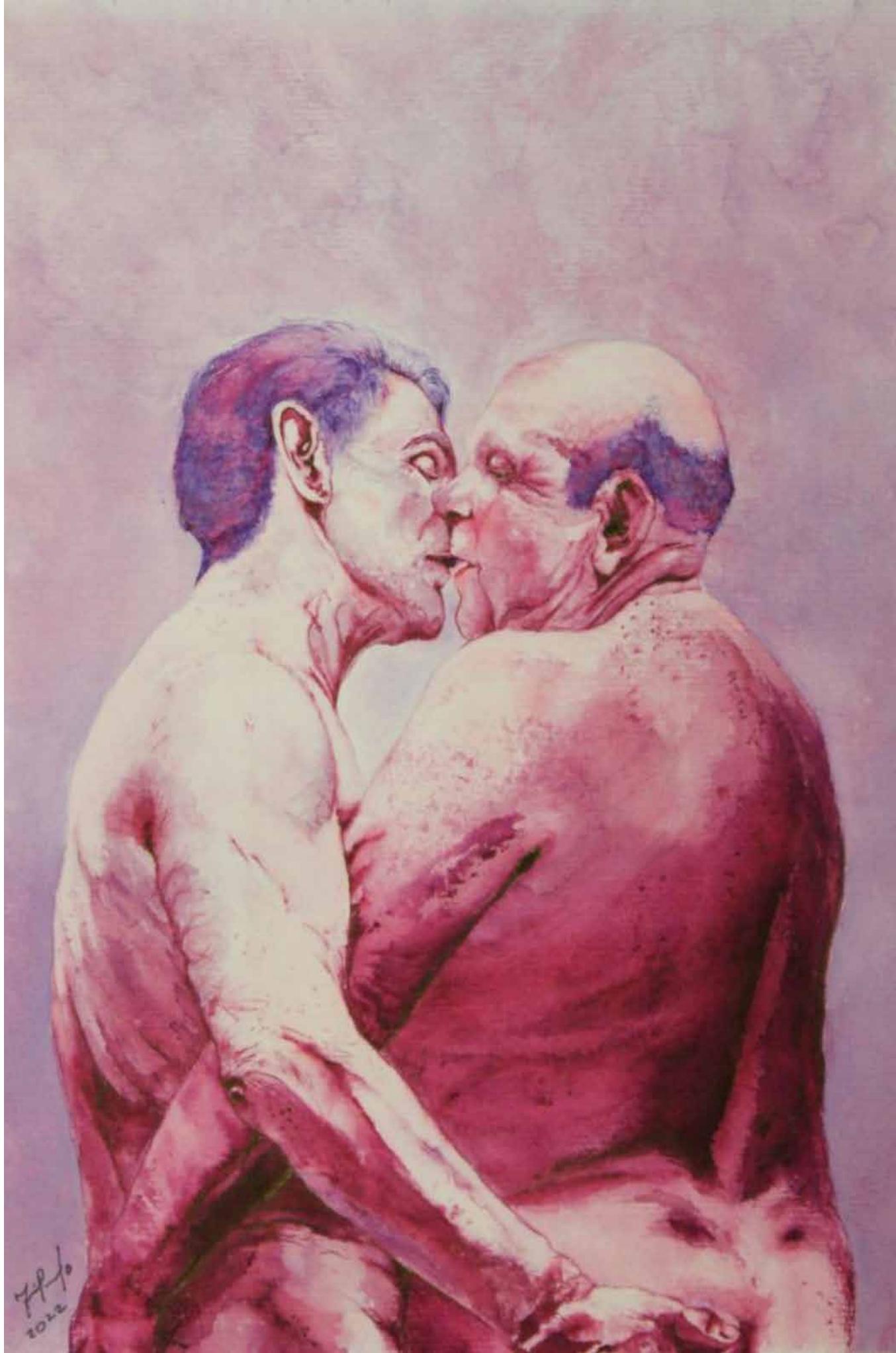
A partir daí, concluiu trabalhos paralelos, para honrar compromissos, e se concentrou em sua identidade poética, onde a homossexualidade e tudo que isso implica – desejo, paixão, prazer, luta, corpo – tornou-se inspiração. Seja por intuição, exercício ou algum gatilho expressivo, o artista utiliza imagens da internet ou fotos autorais para suas criações, que podem levar dias ou meses entre ideia, formatação digital, transferência analógica e processo gestual.



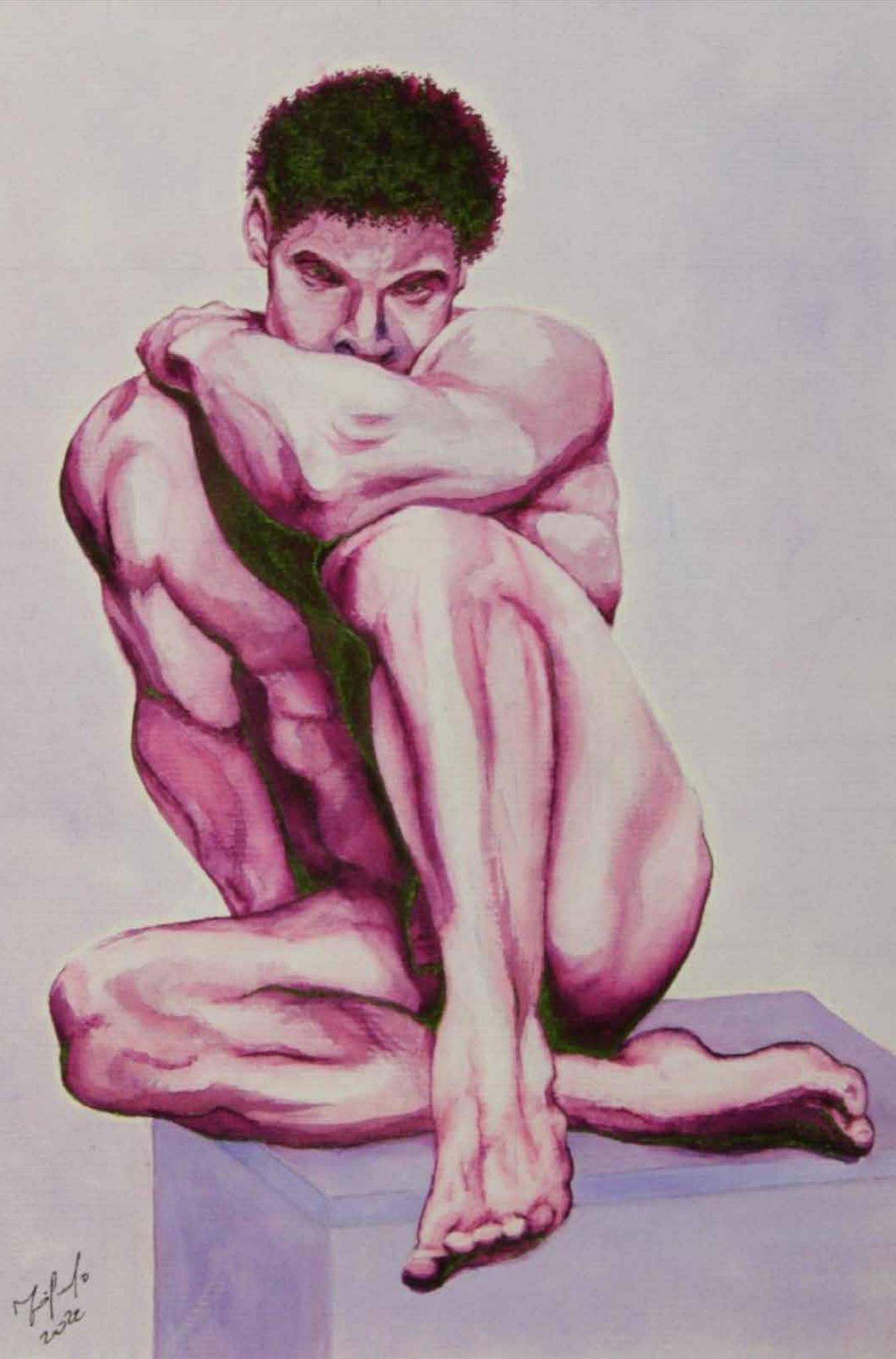
Provável romance de verão n°1 e n°2, ambos em acrílica sobre tela, 2018, da série *Desejo Necessidade Vontade*.

9



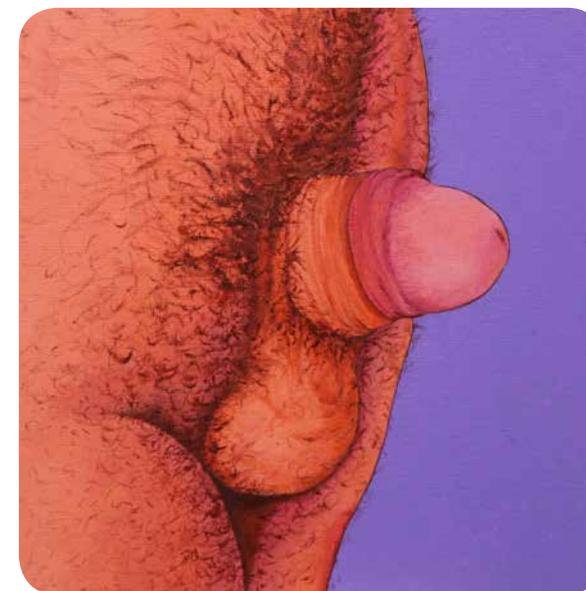


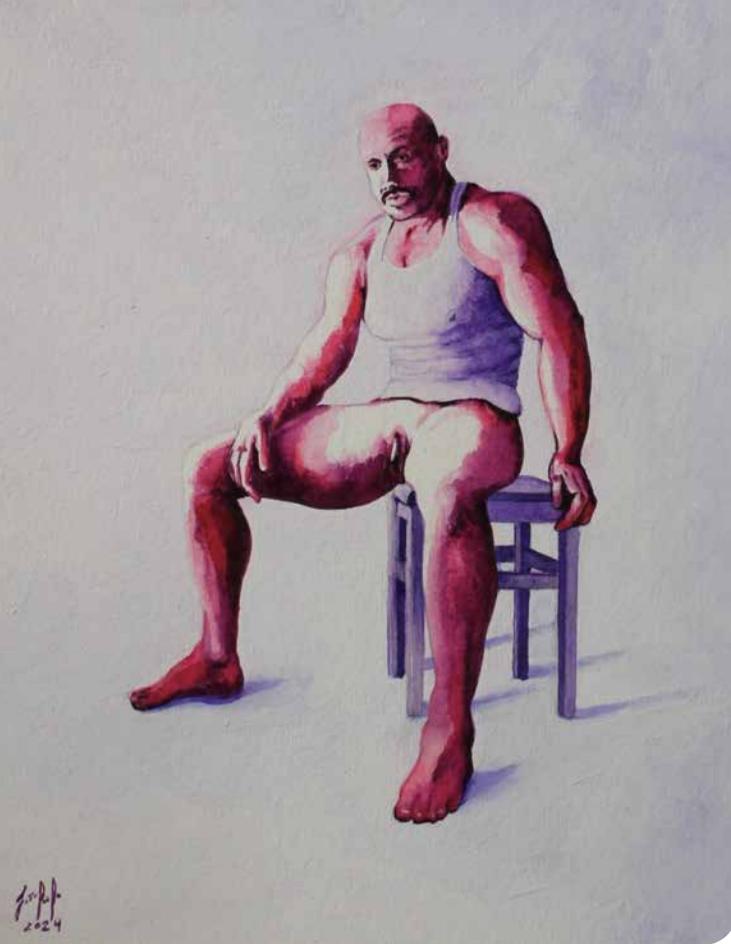
Aquarela da série Por aí... eles, verão, love, 2022.



Ele não gosta de viado nº2,
acrílica sobre tela, 2025.

A nudez completa é importante para João Paulo porque acredita na importância de desconstruir o predomínio secular da heteronormatividade através da visualidade (“matar o desejo das pessoas em ver o corpo nu”). Retratar o falo é, então, “orgástico” para o artista, pois afronta e naturaliza o principal símbolo do patriarcado, levando à reflexões sobre diversidade de corpo e de gênero, etarismo, religião e arte. É dentro dessa linha de pensamento que opta pela representação do pênis em repouso, que oferece maior abrangência de interpretações ou, como ele diz, “tem muita pica dura maravilhosa por aí, mas a interpretação é mais restrita, sendo a ereção um símbolo de poder que questiono com a minha arte”.





Uma vez que a divulgação de arte com nudez nas redes sociais tem se tornado cada vez mais difícil, João Paulo vê como lenta a aceitação da temática tanto no circuito fechado da arte quanto entre o público em geral. Porém, exposições específicas vêm ganhando espaço e possibilitando trocas. Por isso, sugere:

Quando se tem estilo, técnica e tesão, já é meio caminho andado. Só respira e vai.

8=D



Acima, *Ele sim!* (aquarela e PVA em canson, 2024) e, abaixo, *Ela sim n°2* (aquarela sobre canson, 2025). Ambos da série *TRANSpira*.



Cirurgia plástica para você.



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1 +55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

Guilherme Santi

por Filipe Chagas

Modelo: Rodrigo Cunha.

A trajetória do designer gráfico **Guilherme Santi** na fotografia começou como hobby, fotografando paisagens com o celular, explorando luz, formas e composições. Aos catorze anos, deu os primeiros passos na fotografia de retratos e, ao longo do tempo, se direcionou para eventos corporativos e casamentos.

Nessa jornada, conheceu fotógrafos e projetos que se aprofundavam no universo da fotografia sensual masculina de forma autêntica. Entretanto, notou que faltava algo que ressoava em si: uma diversidade de corpos para além do padrão estético, mas também no ambiente criado para o ensaio fotográfico acontecer. Assim, nasceu o **Projeto Santi**.

Sempre fui tímido para fotografar pessoas nuas ou seminuas, mas, ao mesmo tempo, queria mostrar que todos nós somos bonitos do jeito que somos. Não importa o padrão estético — o que realmente importa é se sentir bem consigo mesmo. Desde 2019, venho transformando a forma como as pessoas se enxergam por meio dos ensaios sensuais masculinos. Meu objetivo é fortalecer a autoestima e criar um ambiente seguro onde cada modelo possa se sentir à vontade, confiante e valorizado. O Projeto Santi não é só sobre fotografia, é sobre olhar para si com mais carinho e segurança.



Modelo: Rodrigo Cunha.



Modelo: Matheus Brum.



Guilherme, então, busca reunir modelos – com pouca ou nenhuma experiência – em um mesmo espaço para se conhecerem e, na troca de experiências, perceberem que carregam inseguranças parecidas. Nessa atmosfera de conexão sem julgamentos, a fotografia se torna um meio de transformação, onde os envolvidos saem mais livres, mais confiantes e com uma nova forma de se enxergar.

O próprio fotógrafo atesta que vê “história, identidade e vulnerabilidade” na forma masculina e isso o leva ao desejo de quebrar a visão limitada de que o corpo do homem deve ser retratado de maneira rígida, sempre associado à força, à virilidade, com pouca sensualidade ou afeto próprio.

Muitos homens nunca se viram como sensuais ou atraentes, pois cresceram sem referências que os fizessem se sentir assim. Quando se permitem esse olhar, há uma transformação profunda: é como se redescobrissem diante da câmera. Fotografar a figura masculina é, para mim, mais do que capturar imagens bonitas. É dar espaço para que cada um se reconheça e se sinta confortável na própria pele.

Em seu processo de criação, Guilherme pesquisa inúmeras referências – desde clipes, filmes, capa de singles, fotógrafos – e, por encontrar em sua maioria corpos padrões, procura adaptar para seu projeto de aceitação e empoderamento. Até a luz se dobra à experiência fotográfica que pretende criar: luz natural para suavidade e espontaneidade, e luz para explorar contrastes, sombras e destacar detalhes do corpo de forma mais dramática e artística.

Modelos: *Matheus Brum e Mauricio Livio.*



Modelo: *Maurício Livio.*





Desde o primeiro ensaio, mesmo com frio na barriga e uma certa inibição, o fotógrafo desenvolveu o projeto com muita naturalidade (“sou apenas uma pessoa comum, mostrando minha visão sobre quem está na minha frente, capturando a essência de cada um sem pensar nisso como arte”). Contudo, quando alguém se abre para dizer que o ensaio realmente mudou a vida ou que um outro fotógrafo confessa que se inspira em seus resultados, Guilherme realiza que o que faz é ampliar o olhar de si e dos outros.

Em tempos de conservadorismo fundamentalista e imposição estética virtual, o *Projeto Santi* se torna um oásis. **8=D**



NOTA DO EDITOR: Você pode estar se perguntando porque todos os falos estão escondidos em uma revista que preza pela ausência de censura no nu frontal masculino. As imagens previamente selecionadas pelo fotógrafo não possuíam genitais à mostra. Questionado pela editoria, o fotógrafo pontuou direitos de imagem como uma dificuldade de apresentar a nudez completa. Foi decidido, então, pela continuidade do projeto nesta edição em virtude do discurso de positividade e aceitação corporal.



APRESENTAMOS

GALLERIST

NOSSO PROPÓSITO É CRIAR UMA PLATAFORMA QUE AJUDE A PROMOVER ARTISTAS INDEPENDENTES, BEM COMO ORGANIZAÇÕES QUE FOMENTEM A IGUALDADE E DIGNIDADE DAS COMUNIDADES LGBTQIAPN+.

50% DOS LUCROS IRÃO PARA A CASA!



CONFIRA A COLEÇÃO JÁ DISPONÍVEL EM WWW.BEARKIN.COM.BR

BEARKIN'



MODA
R
T
COMUNIDADE

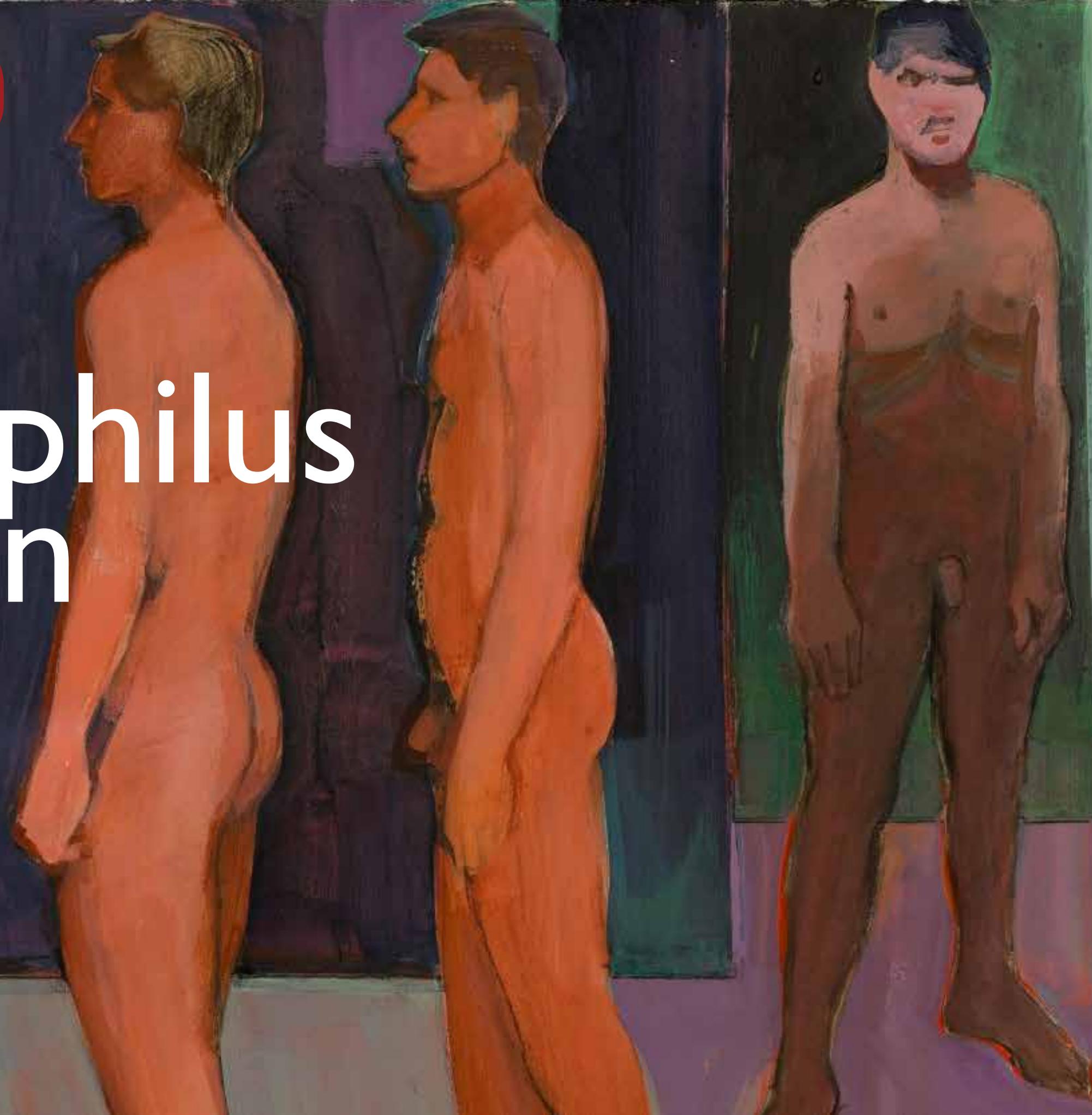
Falo de História

por Filipe Chagas

Theophilus Brown

1919-2012

Sem título (*Trio nu*), acrílica,
carvão e grafite em papel, 1994.

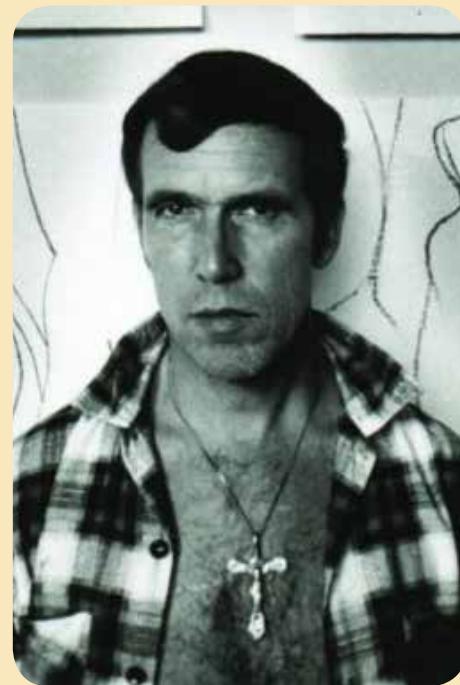


Descendente de intelectuais americanos, **William Theophilus Brown*** (1919-2012) nasceu em Moline, Illinois, EUA, em uma família abastada. O pai de Brown – engenheiro mecânico, designer e inventor, detentor de 160 patentes da Deere & Company, de cujo conselho ele fazia parte – incentivou em seu filho as habilidades de desenho e música.

Na Lake Forest Academy, uma escola preparatória para a faculdade somente para meninos na zona norte de Chicago, implicavam com seus trejeitos afeminados e sua inclinação para as artes. Ele queria frequentar a Art Students League em Nova York, mas cedeu à vontade dos pais para se formar em uma universidade da Ivy League**. Escolheu a Universidade de Yale, onde teve aulas de arte e música. Para nutrir seu interesse nas artes visuais, frequentou museus em Nova York e adquiriu “exemplos modestos” de obras de Picasso, Modigliani e outros. Chegou a viajar por duas semanas com amigos para Paris em 1939, pouco antes de ser convocado para a Segunda Guerra.

Seu período de serviço no exército foi adiado até sua formatura em piano, em 1941. Brown foi designado para um batalhão de armas pesadas após o treinamento básico, mas uma intervenção fatídica de sua mãe provavelmente salvou sua vida: sem que ele soubesse, ela pressionou a esposa de um general, e ele foi posteriormente transferido para uma unidade de inteligência do exército em Charleston, Carolina do Sul – onde não só escapou do destino de muitos ex-companheiros mortos em combate, como também teve seu primeiro relacionamento com um marinheiro da Marinha por seis meses. Brown terminou servindo na Bélgica, mas foi dispensado em 1945.

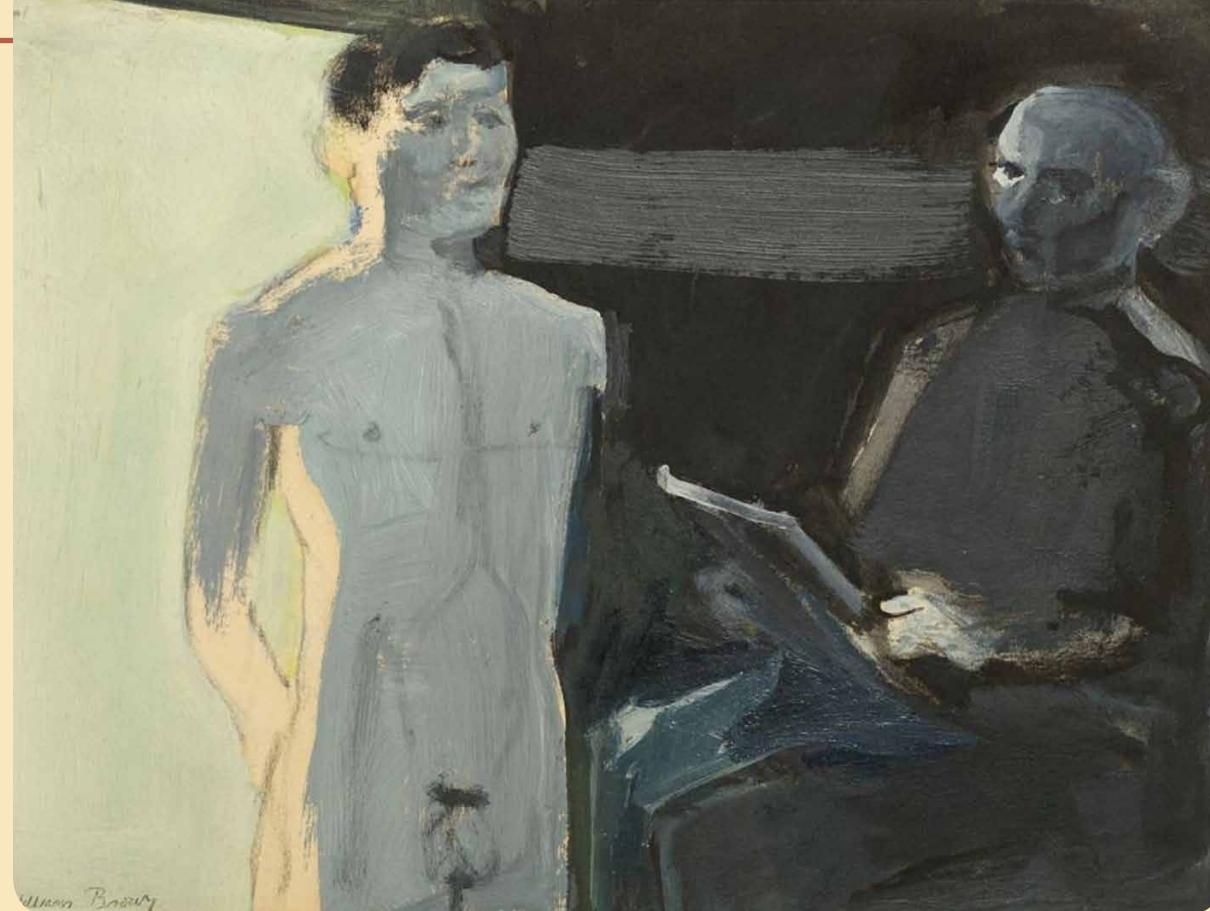
Finalmente pode começar a estudar pintura, mudando-se entre Nova York e Paris, onde conheceu uma gama impressionante de artistas. O casal Elaine e Willem de Kooning, por exemplo, o “tomaram sob sua proteção” e as pinturas expressionistas de atividades esportivas de Elaine o influenciaram a se aventurar em temas semelhantes, principalmente as pinturas de futebol que ele fez durante a faculdade de artes e depois. Com Willem, ele aprendeu a empregar uma pincelada mais energética. Ele também conheceu Rothko



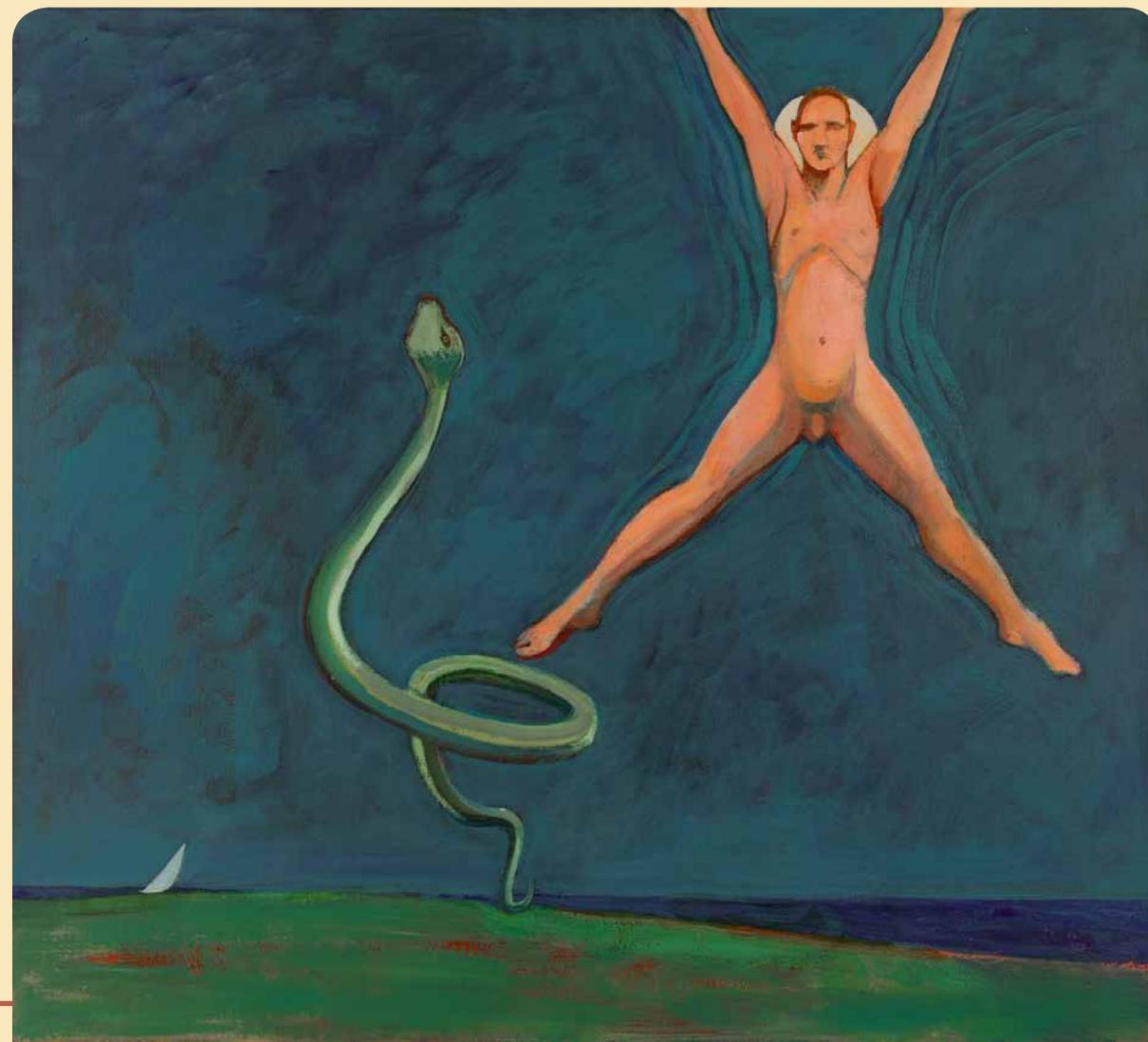
Brown por Basil Langton (1969).

* Mais tarde, ele abandonou o “William”, decidindo que havia muitos outros “Bill Browns” por perto, ficando mais conhecido apenas como Theophilus Brown.
** A Ivy League é um conjunto de oito faculdades particulares localizadas no nordeste dos EUA.

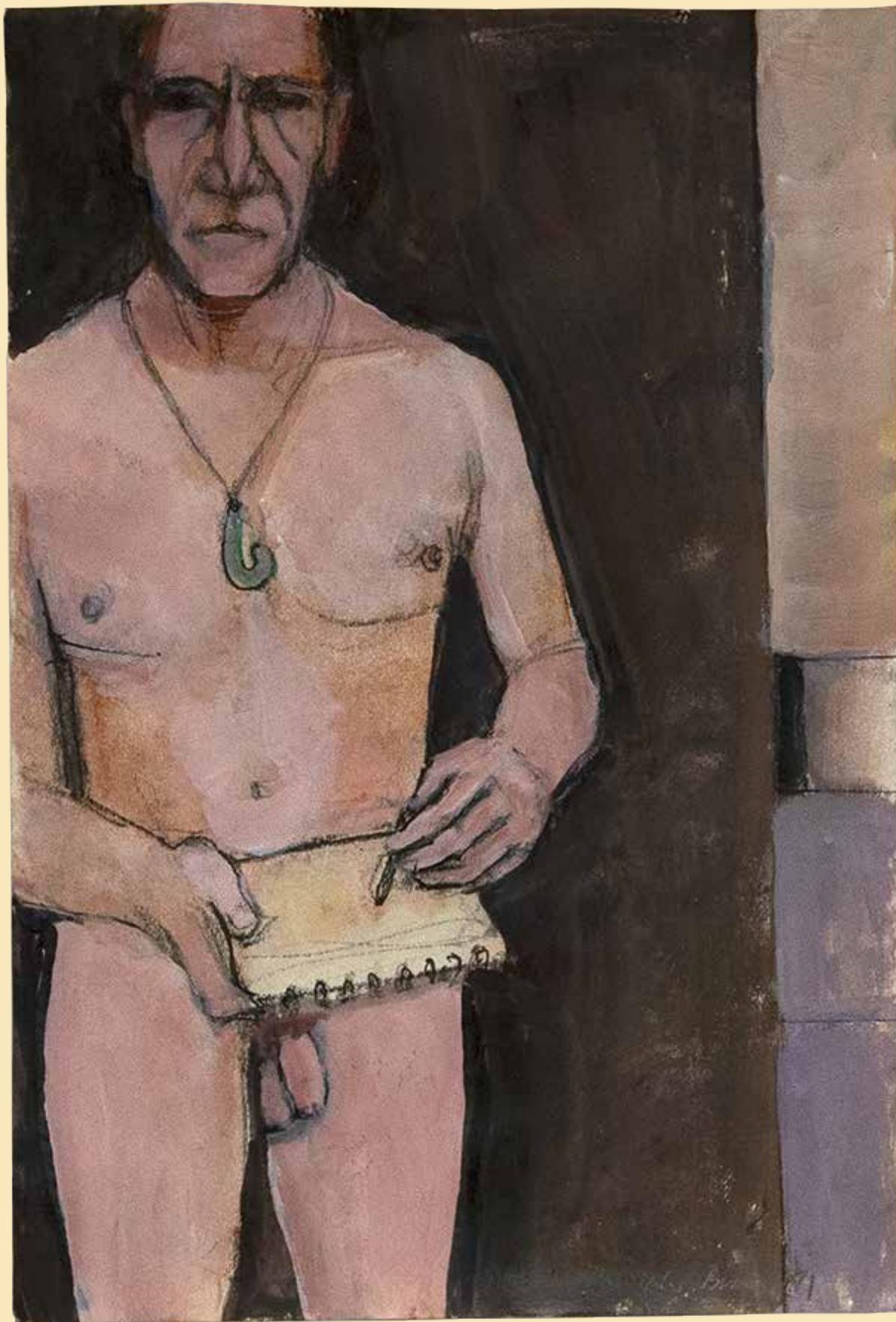
O juiz, óleo sobre tela, 1956.



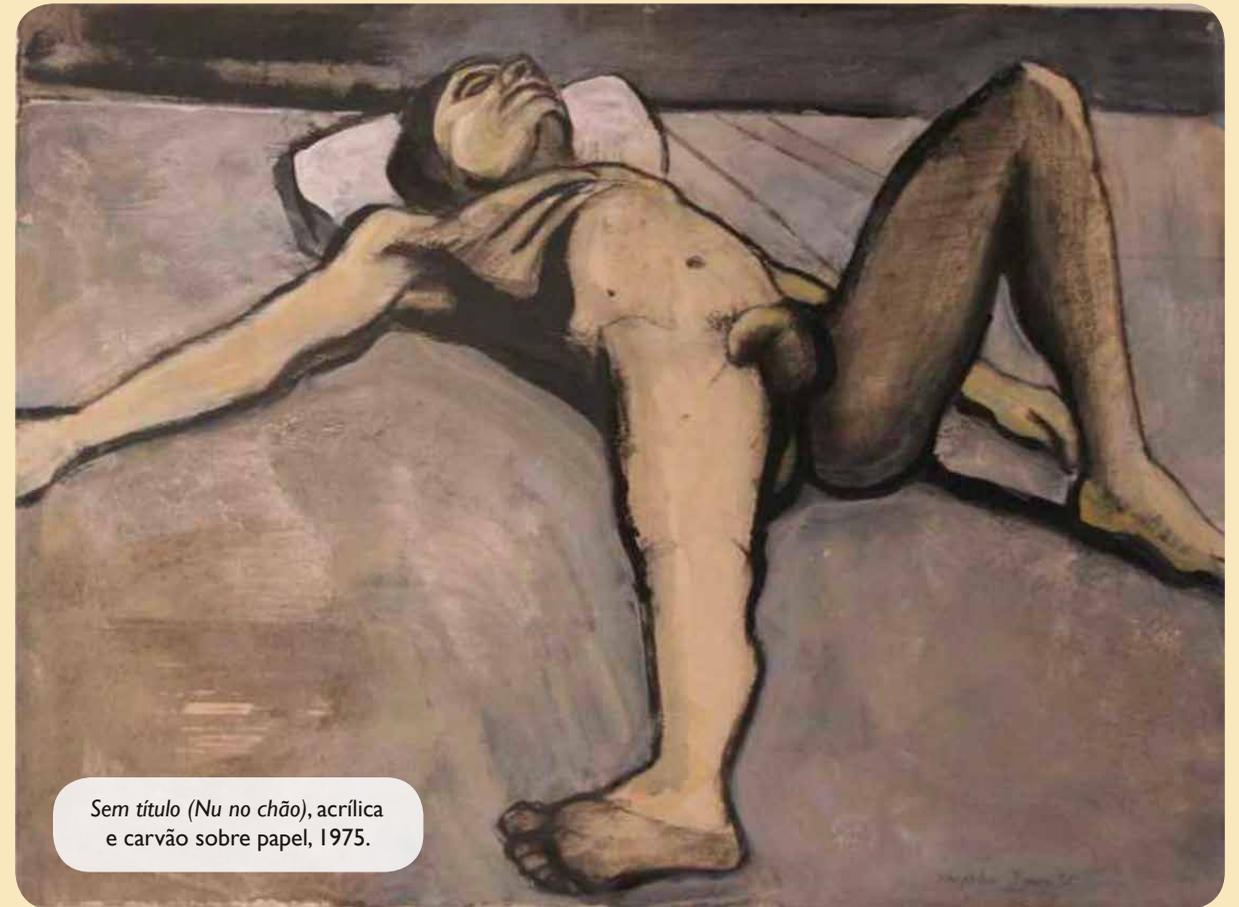
O físico, óleo sobre tela, 1961.



Sem título (Homem saltando e cobra), acrílica sobre tela, 1968.

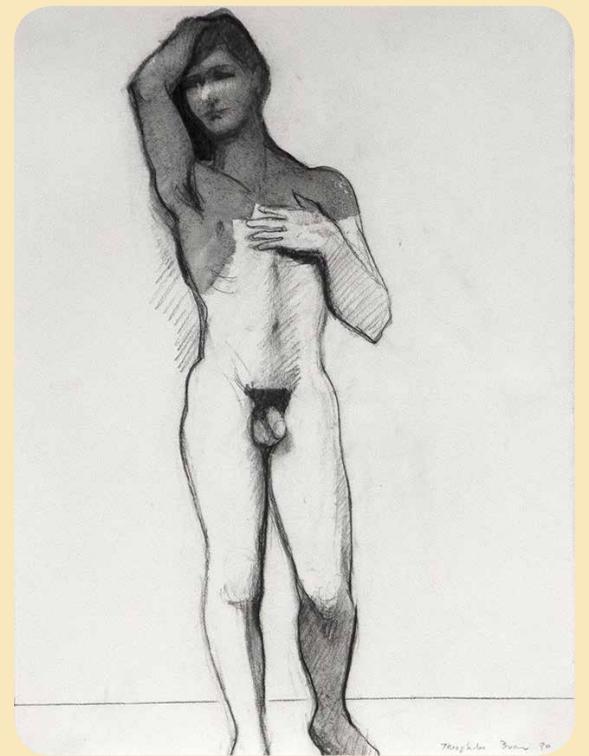


Autorretrato com sketchbook, guache sobre papel, 1971.



Sem título (Nu no chão), acrílica e carvão sobre papel, 1975.

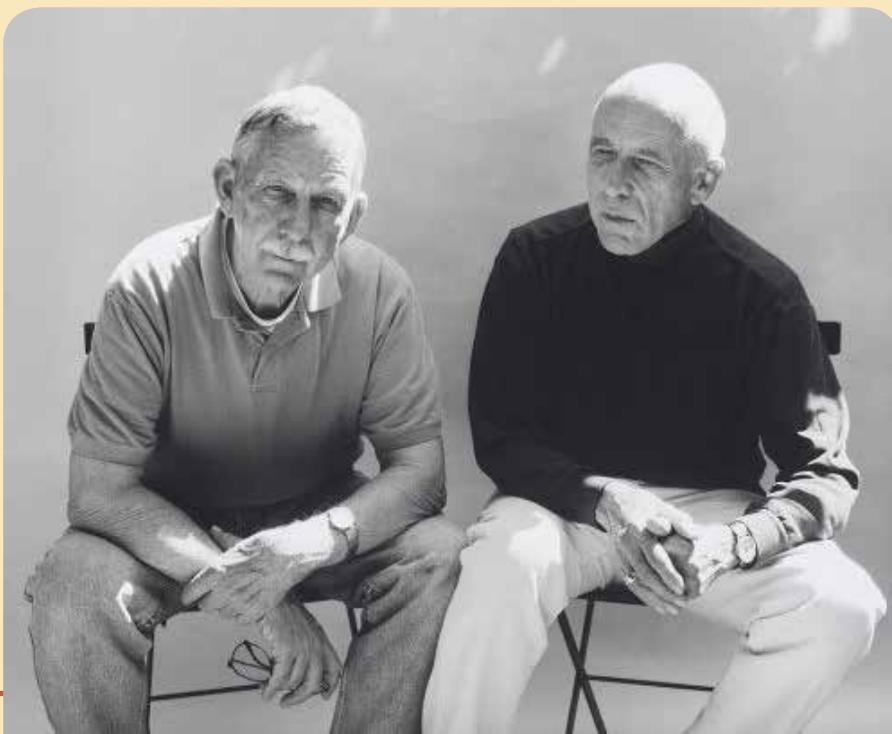
Nu no degrau (1988) e Nu em pé, braço sobre a cabeça (1990), ambos em grafite e aguada sobre papel.



enquanto morava em um apartamento de um cômodo perto do Central Park, pago por seu pai, e se aprofundou no estudo do Expressionismo Abstrato. Em Paris, conheceu Picasso, Balthus, Léger, Igor e Vera Stravinsky, Samuel Barber e Gian Carlo Menotti, enquanto mantinha um relacionamento com um crítico francês chamado Henri Hell (pseudônimo de José Enrique Lasry).

Em 1952, Brown percebeu que estava vivendo da generosidade do pai e, então, aos 33 anos, matriculou-se na pós-graduação da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Lá se juntou a um grupo de artistas — incluindo Richard Diebenkorn (1922-1993), David Park (1911-1960), Elmer Bischoff (1916-1991), James Weeks (1922-1998) e Nathan Oliveira (1928-2010) — no que mais tarde seria conhecido como o Movimento Figurativo da Área da Baía de São Francisco (*Bay Area Figurative Movement*)*. O grupo organizava sessões de modelo vivo e foi chamando a atenção de colecionadores. Em 1957, o Museu de Oakland realizou a primeira exposição do grupo, mesclando temas figurativos com o manejo da tinta do expressionismo abstrato.

Enquanto estudava em Berkeley, Brown também conheceu e se apaixonou por seu colega pintor, **Paul Wonner** (1920-2008), que também fez parte do grupo e com quem ficou 56 anos. Porém, como eles vinham de origens diferentes e eram um casal gay que satirizava a masculinidade de forma dissimulada em suas produções, Brown acreditava que eles seriam sempre, em algum grau, marginalizados. Portanto, focaram mais em suas carreiras acadêmicas, até que, no início da década de 1960, Brown e Wonner decidiram dividir um estúdio em Santa Monica, antes de se mudarem para um apartamento em Malibu, próximo a uma praia de nudismo.

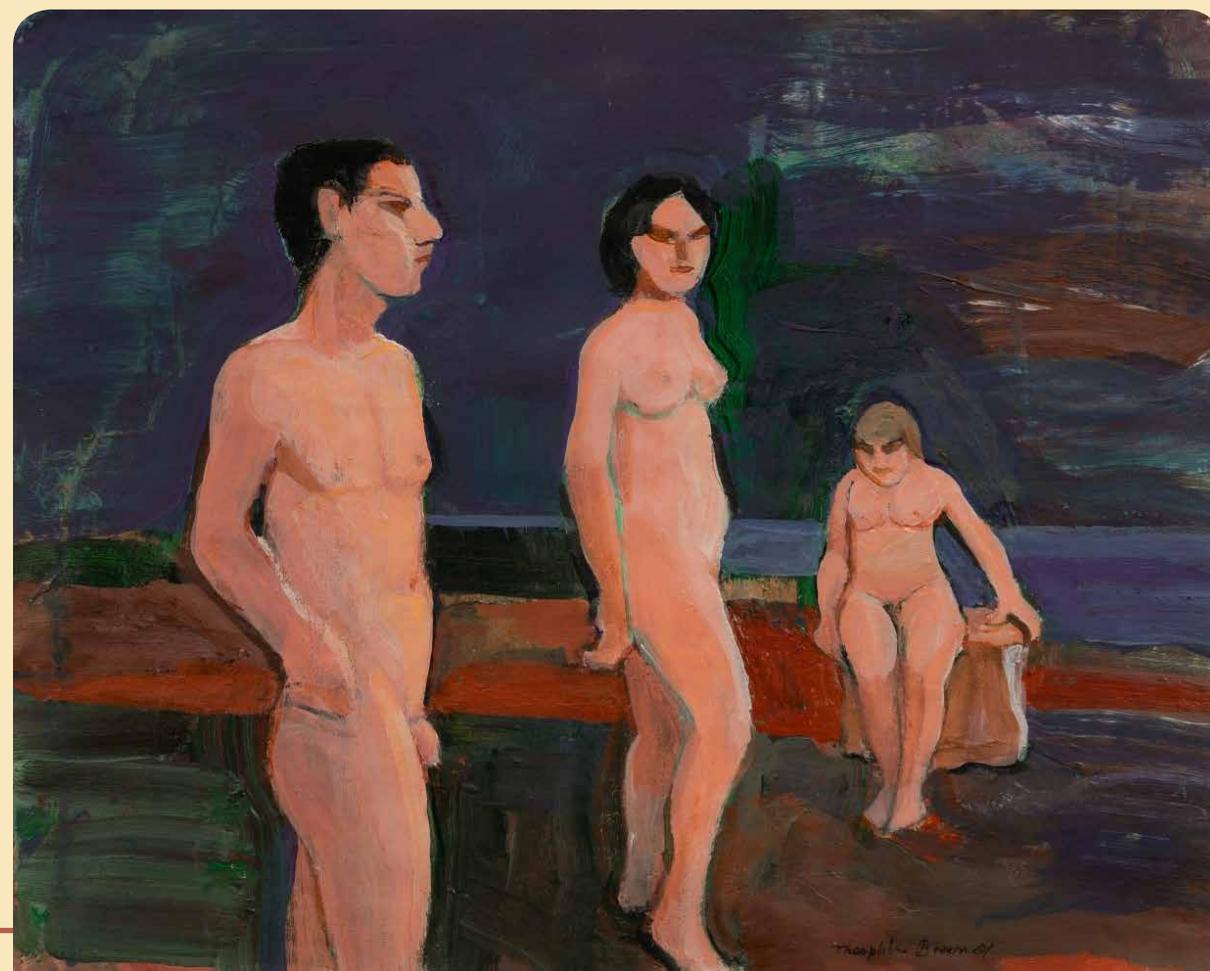


Wonner e Brown em foto de Ira Schrank, 1999.

* Em reação à ampla busca pelo Expressionismo Abstrato no final da década de 1940 e início da década de 1950, vários artistas de vanguarda da região da Baía de São Francisco começaram a se reconectar com o mundo visível, aplicando o estilo gestual da pintura de ação a representações de pessoas, paisagens e naturezas-mortas.



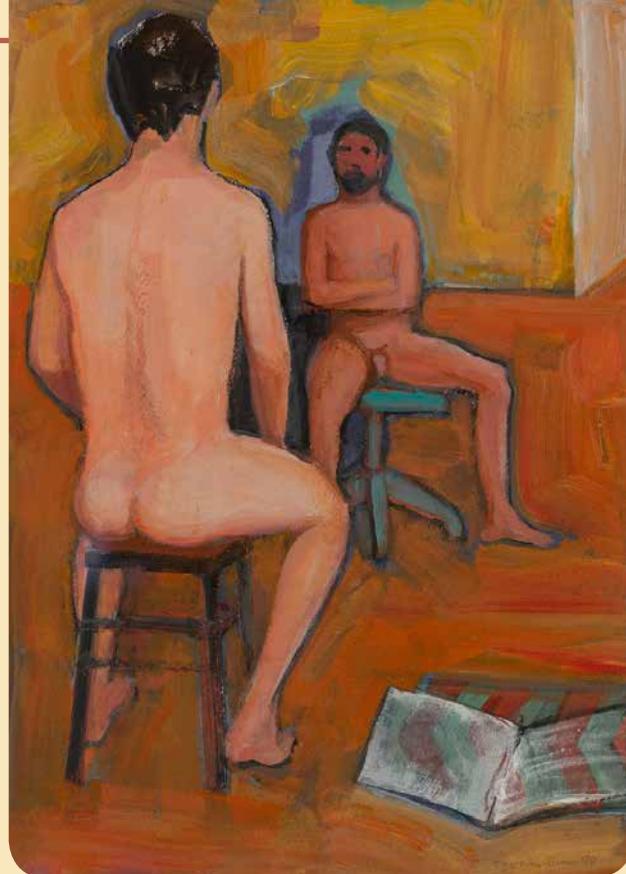
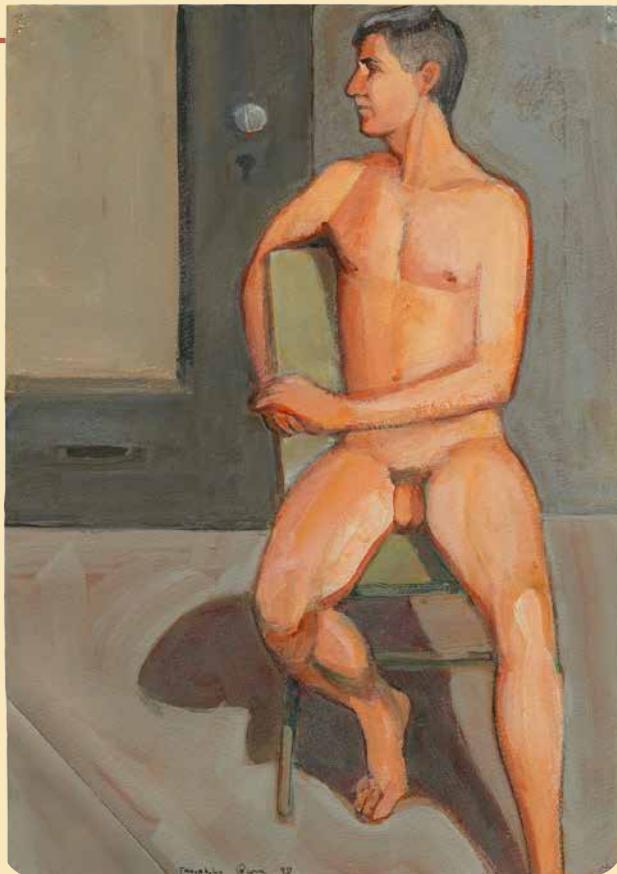
Banhistas em pé, acrílica sobre papel, 1993.



Sem título (Três nus, um sentado), acrílica e grafite sobre papel, 2001.



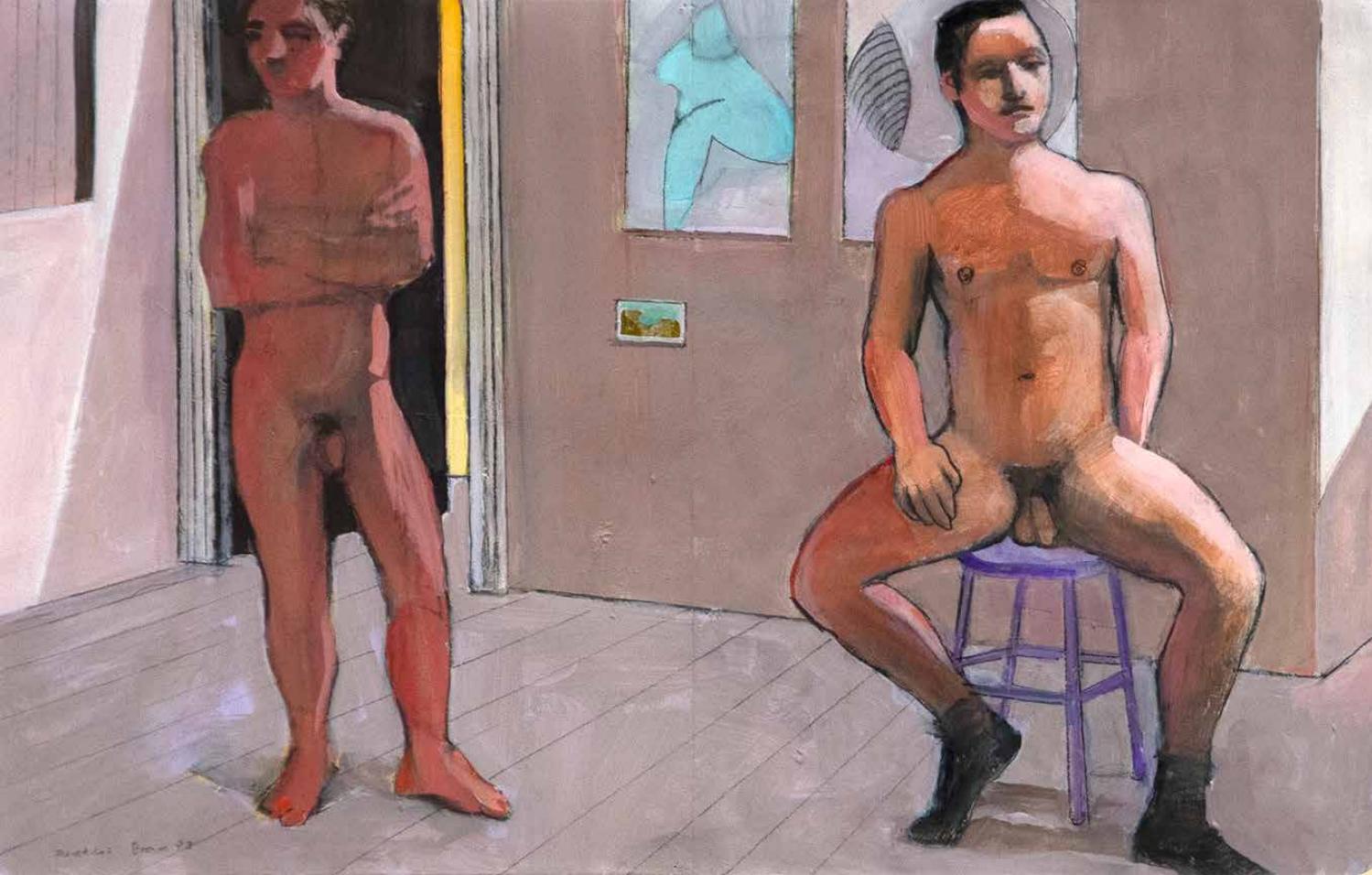
Cavalo e nadadores na praia,
acrílica sobre tela, 1990.



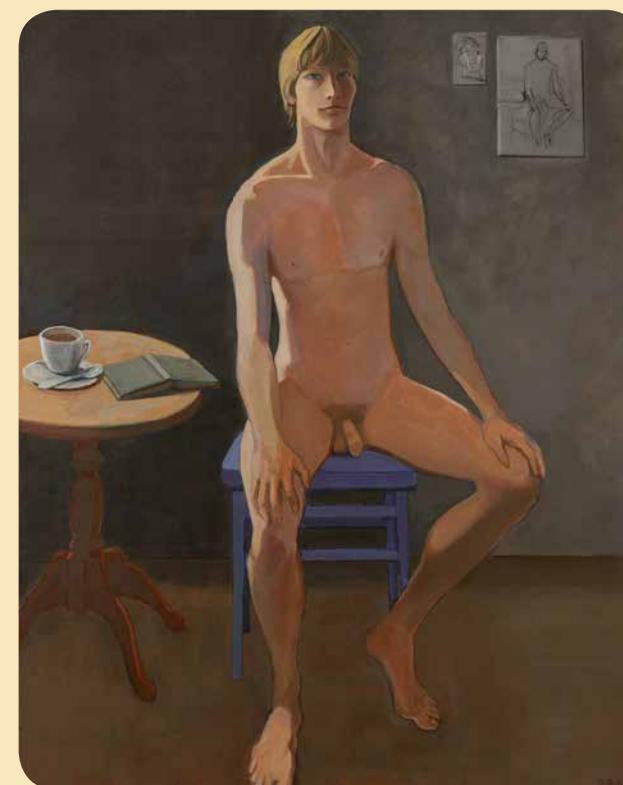
Acima, *Jamie* (acrílica e carvão sobre papel, 1998) e *Sem título* (acrílica, carvão e grafite sobre papel, 1999). Abaixo, *Dois artistas com modelo* (acrílica e grafite sobre papel, 2009).



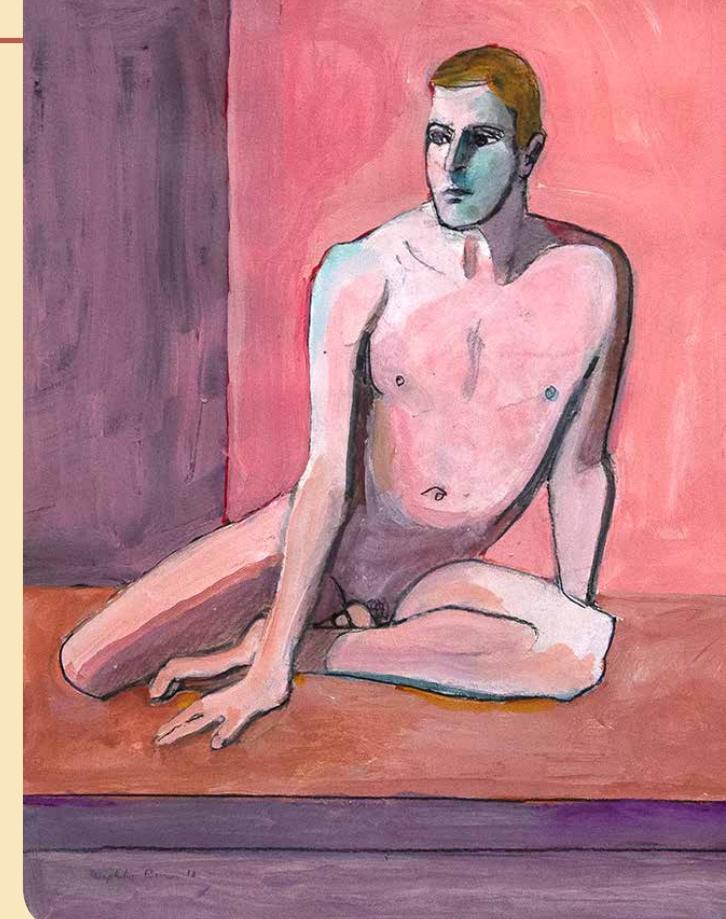
Pra cima, acrílica e carvão sobre papel, 2010.



Sem título (*Dois nus no ateliê*), acrílica, guache e grafite sobre papel, 1993.



Acima, *Sem título* (David M.), acrílica sobre tela, s.d., e, abaixo, *Sem título* (*Nu masculino com lençol*), acrílica sobre painel, s.d.



Sem título (*Nu masculino no chão*), acrílica sobre papel, 2010.

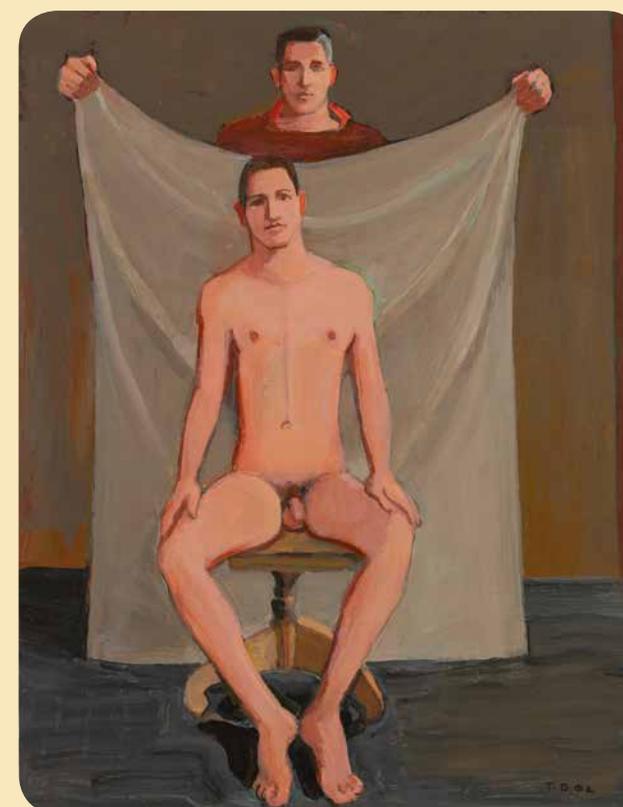
No final da década de 1960, tanto Brown quanto Wonner adotaram um controle mais rígido em sua arte, com figuras e objetos melhor definidos, como os nus na praia que frequentavam ou as pinturas à beira da piscina que muito lembram as de seu amigo David Hockney (1937-). Nessa época, Brown viajou para a Itália para estudar pintores metafísicos como Giorgio de Chirico, e essas influências posteriormente infundiram em sua obra uma qualidade surreal e onírica.

Em 1975, Brown começou a lecionar na Universidade da Califórnia, mas no ano seguinte, ele e Wonner compraram uma casa vitoriana em São Francisco. Brown concentrou-se em uma série de pinturas acrílicas de grande formato, muitas delas retratos que expandiam suas primeiras paisagens oníricas

de figuras, frequentemente nuas, em praias ou paisagens. Também viajou por cidades vizinhas, fotografando prédios industriais abandonados que se tornariam material de base para pinturas desprovidas de figuras, exceto por um cachorro ocasional, dando um tom nostálgico.

Em seus últimos anos, Brown ainda conseguia pintar diariamente e ainda produzia colagens abstratas. Ele e Wonner doaram 1.800 desenhos e outras obras de arte para serem vendidos, conforme sua vontade, em benefício de artistas LGBT emergentes sob os auspícios do Fundo Paul Wonner e William Theophilus Brown Endowment, estabelecido pelo Crocker Art Museum.

Ao contrário de muitos de seus contemporâneos, Brown pintou figuras em



cenários bucólicos com traços amplos e expressivos e uma paleta de cores refinada durante a primeira metade da década de 1960. Em seguida foi mudando para um estilo mais plano e descritivo de retratos e paisagens, mas sempre mantendo uma atmosfera melancólica ou meditativa, sugerindo reflexão, contemplação, solidão ou mesmo um desejo silencioso e sutil. Brown buscava o universo emocional do ser humano através de uma intimidade sem voyeurismo.

O artista faleceu aos 92 anos. Seus documentos estão guardados no Arquivo de Arte Americana. **8=D**



PAUL WONNER (1920-2008)

Não é possível falar de Brown sem falar de Wonner e vice-versa. Não só pelo relacionamento de 56 anos, mas também pela produção artística concomitante. Paul Wonner nasceu em Tucson, Arizona, em uma área que ele chamava de “favela”. Seu pai era maquinista da Southern Pacific Railroad e estava frequentemente ausente. Sua mãe, dona de casa, foi descrita por Wonner como uma “esquizofrênica paranoica”. Mesmo assim, Wonner se saiu bem na escola, ganhou prêmios por sua arte e até participou de exposições. Foi para a Califórnia para cursar a Faculdade de Artes e Ofícios em Oakland, onde se formou em 1941 com um bacharelado em educação artística. A última frase de seu pai foi que ele não servia para mais nada, então poderia muito bem ser artista.

Nunca me ocorreu que, em toda a minha vida, eu ganharia a vida sendo pintor... e eu sempre planejei que teria que fazer outra coisa para sobreviver.

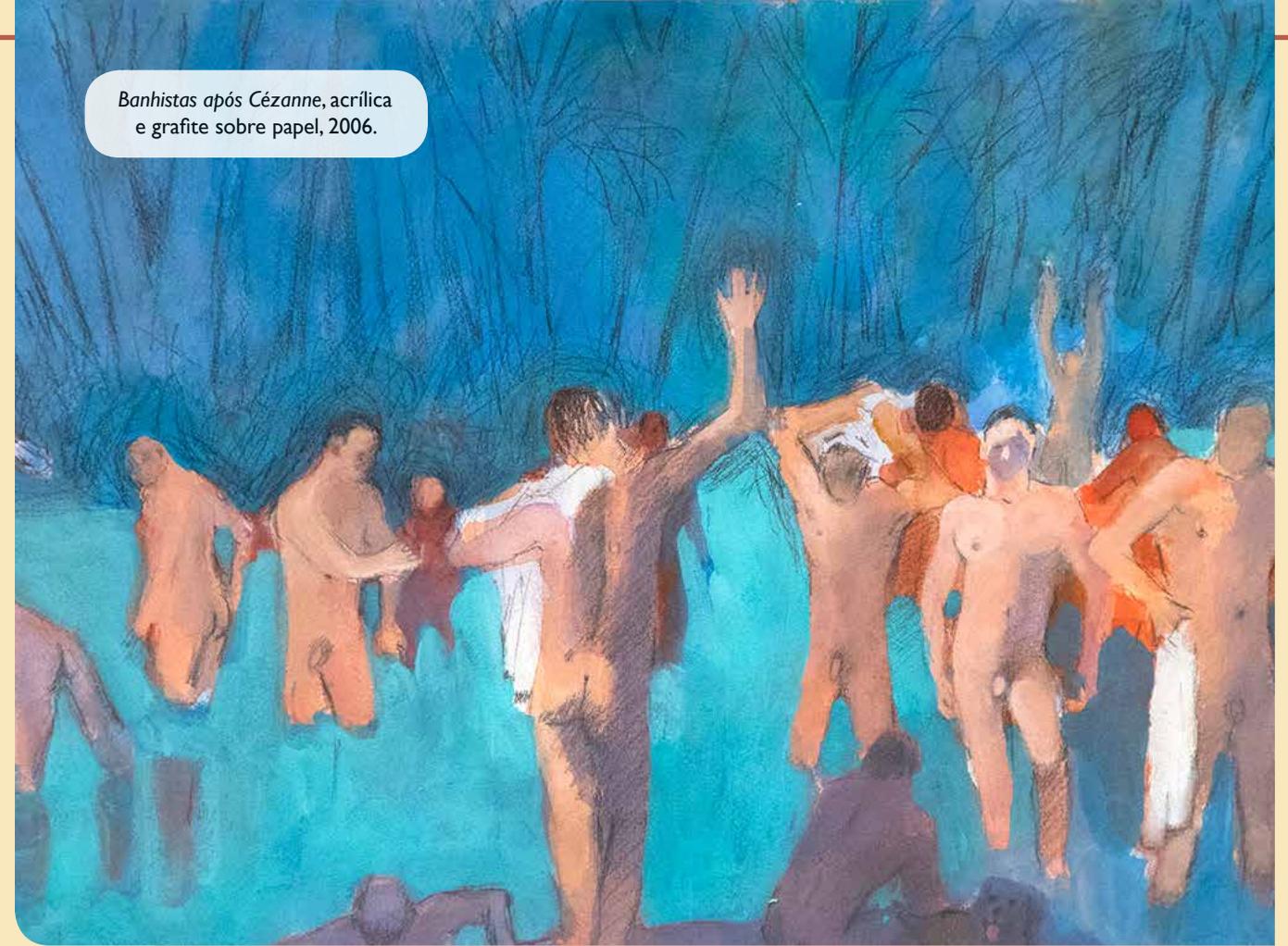
Foi convocado pelo Exército dos EUA na Segunda Guerra Mundial, servindo quatro anos em trabalho administrativo. Depois decidiu seguir um namorado que conheceu enquanto servia no Texas e foi parar em Nova York, mas não frequentou os mesmos círculos glamorosos de Brown. O relacionamento terminou e Wonner encontrou trabalho como designer, o que minou sua criatividade e roubou seu tempo.

Em 1949, Wonner frequentou a escola de Arte que viria a se tornar o Studio 35. Instrutores como Mark Rothko e Robert Motherwell tentaram transmitir os princípios do Expressionismo Abstrato, incluindo a importância da espontaneidade e do inconsciente. Ele também teve um relacionamento tenso de quatro anos com um namorado violento, propenso a brigas de bar.

Decidido a voltar a estudar “em uma cidade onde possa ver o céu”, Wonner matriculou-se no mestrado na Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde conheceu Brown e acabou fazendo parte do mesmo movimento artístico local. Posteriormente, também obteve uma pós-graduação em Biblioteconomia.

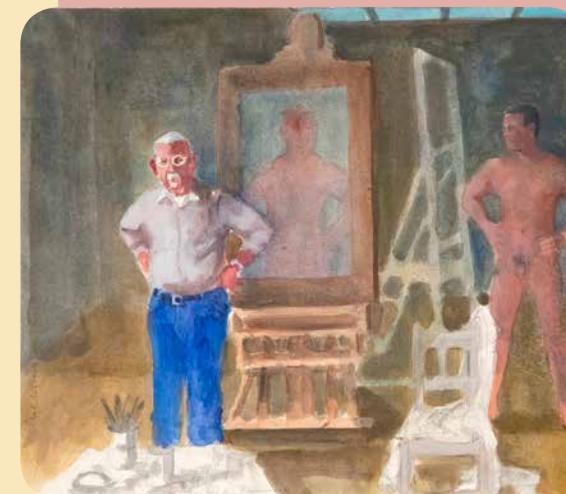


As pinturas de Wonner frequentemente refletiam questões psicológicas, mesmo em suas naturezas-mortas. Ele considerava “Nu com Tapete Indiano”, de 1961 (ao lado), como sua melhor pintura. A obra “Óculos com Amores-perfeitos”, de 1968, em tons de cinza suave, exceto por dois vasos de amores-perfeitos, se refere ao amor gay. Já em São Francisco, Wonner lançou uma série de grandes naturezas-mortas, que recebeu críticas negativas.



Banhistas após Cézanne, acrílica e grafite sobre papel, 2006.

Quando suas costas cederam, ele e Brown se mudaram da casa vitoriana para um luxuoso edifício residencial para idosos em São Francisco. Lá pintou pequenos guaches que mostravam um pintor mais velho (ele) com modelos masculinos jovens, robustos e nus, que ele descreveu como retratos da juventude e da velhice. Wonner faleceu em 2008. **8=D**



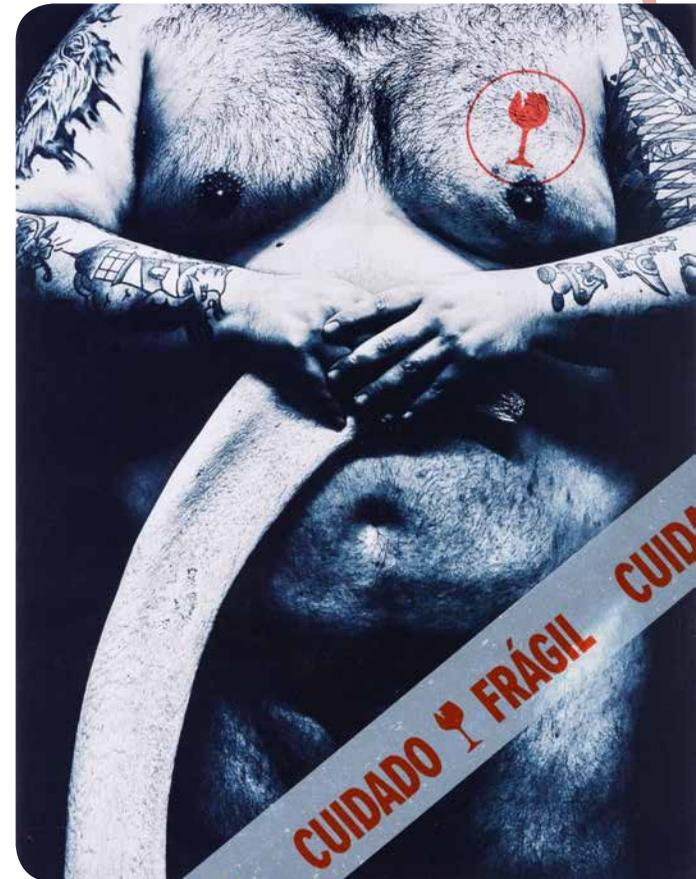
Artista e modelo, mãos na cintura, acrílica e grafite sobre papel, 2002.

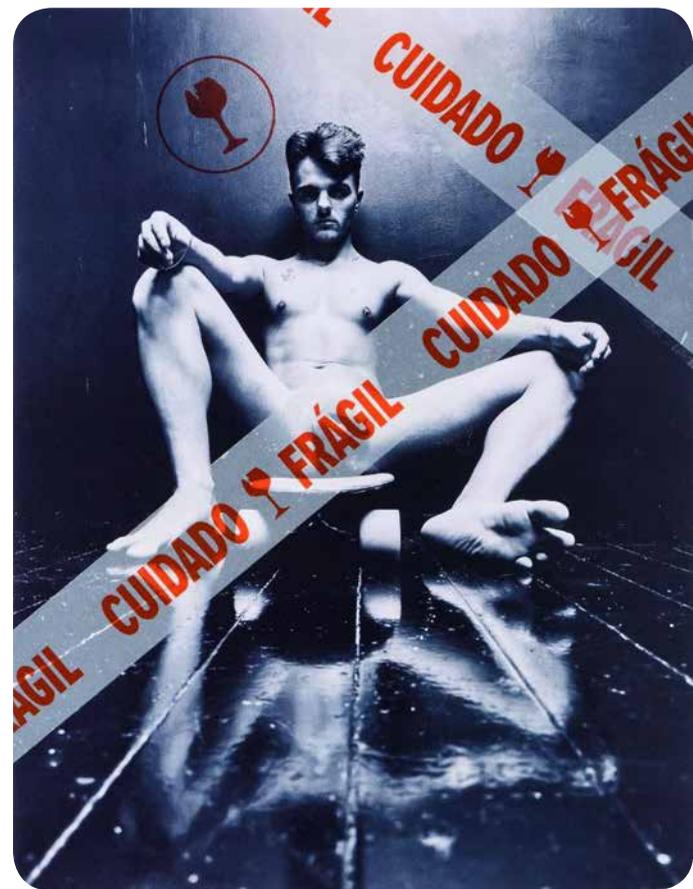


Juventude e Velhice: Artista, modelo e tapete vermelho, acrílica e grafite sobre papel, 2003.

Na série **Falo Frágil**, **Edu Devens** construiu uma investigação visual sobre masculinidade, vulnerabilidade e poder, tensionando os limites entre força e fragilidade, visibilidade e censura. Composta por 23 fotografias (aqui você vê 13) em preto e branco de corpos masculinos – diversos, marcados, tatuados, por vezes envelhecidos ou fora dos padrões hegemônicos –, a série é atravessada por intervenções materiais diretas: carimbos e fitas adesivas com a inscrição “Cuidado – Frágil” operam um deslocamento semântico ao corpo masculino, historicamente vinculado à força e invulnerabilidade, igualmente sujeito à quebra, ao desgaste e à necessidade de cuidado. Mesmo homens com corpos marcados por potência e rigidez, podem carregar aspectos da vida emocional e social difíceis de lidar, usando essa pseudo-fortaleza para ocultar fragilidades internas e negar a necessidade de cuidado. A fragilidade proposta se manifesta também no suporte, uma vez que as imagens impressas à laser apresentam-se numa materialidade simples e efêmera, enfatizando o caráter transitório e delicado da existência. A disposição das fitas adesivas atua como um gesto crítico e provocativo: ora censuram, ora destacam zonas sensíveis, propondo um comentário sobre os mecanismos sociais que rotulam, controlam e invisibilizam vulnerabilidades masculinas. Desta forma, há aqui uma ironia ao modo como os corpos são embalados, consumidos e normatizados pela sociedade. **8=D**







SEJA MAIS.

**ben-
feitoria**

www.benfeitoria.com/falomagazine

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Daniel Caye, Orlando Amorim, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Paulo Cibella, Paulo Mendes, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Fabio Ibiapina e benfeitores anônimos.



*Se algum dia a loucura me
pegar, se todo o sofrimento
desabar sobre mim, se eu me
tornar miserável até possível,
se tiver a pior das mortes –
um fim que faça estremecer
até os santos – se a danação
me possuir, se me afogar no
desespero ou simplesmente caia
na apatia, na mediocridade, ou
seja no que for, não importa
nada. Que ninguém, pois se
impressionar demais com o que
acontecer comigo: será tudo
apenas uma fatalidade humana.
Já assegurei a minha salvação,
e não sei onde parar agora de
tanta alegria e tanto amor que
sinto. Amém.*

Alair Gomes, 1943

CUECAS



rn

www



SUNGAS

Modelo: Flavio B.

O corpo como lugar de dominação

por Duda Breda

Comecei a leitura de *A Dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu, e logo no prefácio fui tomado por um desconforto familiar. É como se o livro não apenas falasse sobre mim, mas falasse em mim e também descrevesse com palavras muito sociológicas e técnicas (diria que de difícil entendimento) aquilo que venho tentando traduzir no meu músculo, na minha imagem e no meu rasgo.

Bourdieu diz que a dominação masculina se impõe como evidente. E é justamente nessa evidência que reside sua força. Dito isso, fiquei pensando no quanto cresci acreditando que certas coisas eram simplesmente naturais, tais como a ideia de que o homem é forte, que não chora, que não hesita, que protege, que apenas penetra, e que, sobretudo, não se deixa atravessar. Essa última sempre me pegou, talvez porque eu sempre me deixei atravessar demais, ao mesmo tempo que tentava não me deixar atravessar, e isso só aumentava cada vez mais a minha culpa.

E por acreditar nisso, eu mesmo me dominei. Ou acredito. Ou sigo acreditando nessa minha própria teoria. Tudo para aliviar essa dolorosa violência simbólica que me acomete e que acomete a todos os homens.

Me esforcei tanto que rasguei. Rasguei as fibras do meu corpo no treino, rasguei o meu abdômen, rasguei minhas entranhas com o uso constante de anabolizantes, rasguei a vida social por um plano alimentar de cutting, rasguei qualquer afeto que pudesse me parecer feminino e, por isso mesmo, fraco.

O que Bourdieu chama de violência simbólica talvez seja o nome acadêmico para o que eu experimentei no espelho: a adesão silenciosa à norma, aquela que ninguém precisou me impor, porque eu mesmo me impus. Uma performance contínua de masculinidade que não nasceu comigo, mas que fui treinado a repetir, e que, em algum momento, virou carne, virou pele, virou tríceps. O corpo como palco e como prisão, e às vezes, também como armadura, como fantasia, como disfarce.

Judith Butler, como lembra o próprio Bourdieu no prefácio, propôs que o gênero é uma performance, uma encenação repetida. E que algumas dessas performances, como a drag,



o queer, o exagero, podem funcionar como paródias. Não no sentido de zombaria, mas como revelações do caráter artificial do que se diz natural. A paródia, nesse caso, escancara a farsa da essência, e às vezes é justamente por escancorar demais que ela incomoda tanto.

Talvez meu próprio corpo seja uma paródia sem humor. Eu costumo dizer que virei um clichê das minhas obras iniciais, quando eu retratava apenas corpos perfeitos, com baixa adiposidade e alta musculatura, trincados. E com o passar do tempo, quando eu comecei também a treinar para a competição de fisiculturismo, eu acabei virando um deles — até mais forte. E isso me faz com que eu me chame de clichê do meu próprio trabalho.

Um corpo gay que se apropriou dos signos da virilidade para pertencer. Um corpo que performa força, mas nasceu da rejeição. Um corpo musculoso que, na verdade, só queria ser amado. Amado e admirado. Sim, os dois. E na mesma proporção. Pois tudo sempre recai

sobre o desejo. Queria ser amado e admirado e desejado.

Bourdieu é cético quanto à capacidade transformadora dessas performances se elas não forem acompanhadas de mudanças nas estruturas sociais. Ele tem razão. Uma drag queen pode ser uma imagem revolucionária, mas continuará sendo agredida na rua se a escola, a família, o Estado e a linguagem permanecerem os mesmos, e permanecem, quase sempre.

Mesmo assim, eu acredito que há potência na imagem. A imagem, quando feita de rachaduras, pode abrir brechas. E é isso que tento fazer com meu trabalho: expor as fissuras da força, os vestígios do artifício, o cansaço do desempenho.

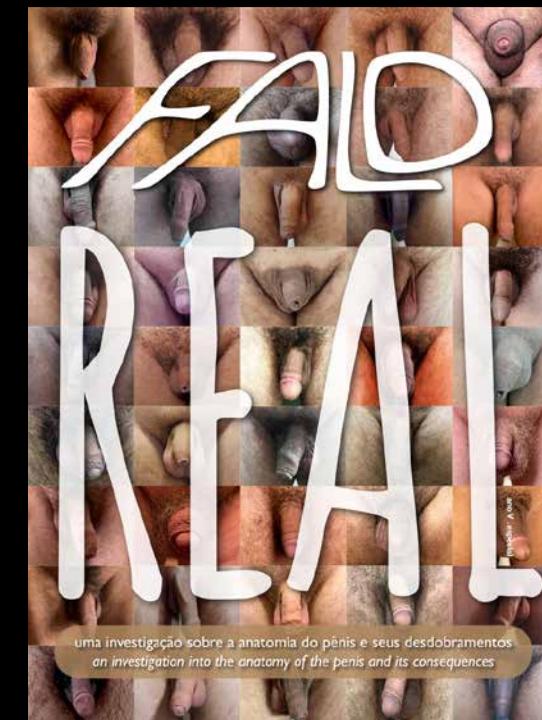
O corpo, diz Bourdieu, é o lugar da inscrição mais profunda da dominação. E eu sinto que o meu corpo é, ao mesmo tempo, essa inscrição e essa denúncia. **8=D**



Agressor, jato de tinta mineral sobre papel de algodão, 2020.



NÃO SE PRENDAM A ESTEREÓTIPOS



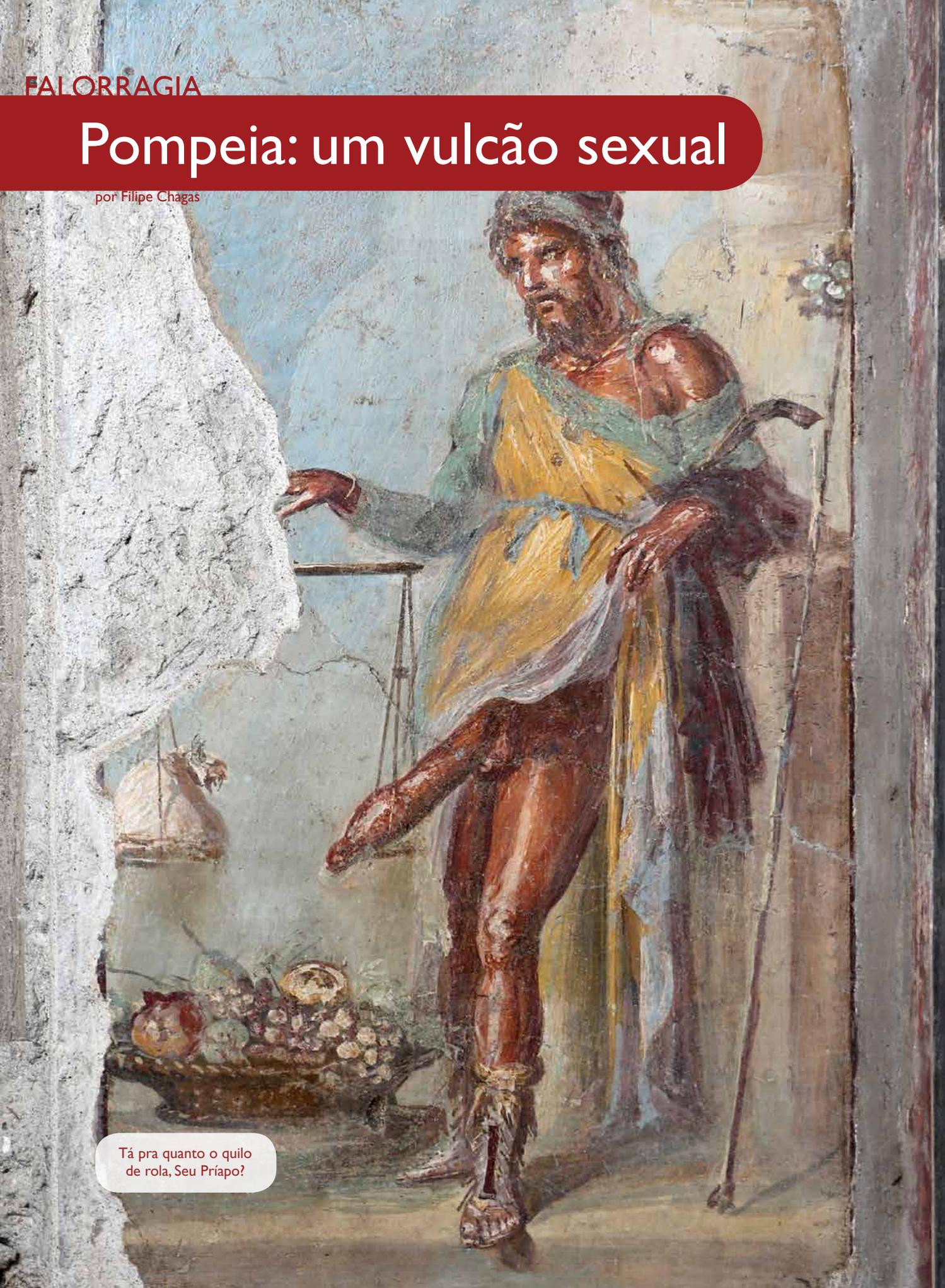
Pesquisa sobre
a anatomia
peniana feita com
a participação
de mais de 100
leitores/seguidores,
**totalmente
ilustrado.**

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do
e-mail falonart@gmail.com

Pompeia: um vulcão sexual

por Filipe Chagas



Tá pra quanto o quilo de rola, Seu Príapo?

Quando ouvimos “Pompeia”, imediatamente pensamos em uma cidade romana em ruínas destruída pela erupção do Monte Vesúvio em 79 d.C. Mas o vulcão não soterrou só pessoas e edifícios: foi toda uma cultura que via a sexualidade como potência, como linguagem simbólica e prática social.



O último dia de Pompeia, óleo sobre tela de Karl Bryllow, 1833.

Quando as escavações começaram, no século 18, o mundo europeu já estava mergulhado em séculos de repressão cristã.

As imagens encontradas chocaram arqueólogos e nobres, fazendo com que a cidade fosse vista como degenerada, imprópria, pagã e seu destino uma comprovação da ação divina contra o sexo. Muitas peças foram guardadas no chamado Gabinete Secreto (*Gabinetto Segreto*, ou *Gabinetto degli Oggetti Osceni*, o Gabinete dos Objetos Obscenos) do Museu de Nápoles, uma sala trancada, acessível apenas a homens “cultos” e adultos mediante autorização do diretor da instituição. Só no século 20 parte desse acervo voltou a ser exibido com liberdade, revelando a distância entre a Roma antiga e a moral cristã.

O falocentrismo romano

A sexualidade romana estava mais vinculada à ordem social e simbólica do que à moralidade. Em Pompeia, o erotismo não era escondido nem marginal: ele era parte da paisagem cotidiana, da arte e do pensamento. Mais de 10 mil inscrições foram encontradas nas paredes da cidade, muitas delas ligadas ao sexo. Um homem escreveu: “Eu tive Lucius e ele gemeu como uma mulher”. São declarações de amor, insultos, versos improvisados, listas de conquistas, fragmentos que revelam que o erotismo pertencia não só à elite ou à mitologia, mas a todos. Ou seja, o desejo era uma linguagem comum, crua ou refinada.

Além disso, a religião romana não se opunha à nudez e ao sexo – ao contrário, muitas vezes os incorporava. Cultos a Baco, Vênus, Príapo e Ísis envolviam elementos sexuais, rituais de fertilidade e símbolos fálicos. Inclusive, ao percorrer as ruínas da cidade, qualquer pessoa se depara com a presença constante de símbolos fálicos esculpido em calçadas, pintados nas paredes, moldados em lâmpadas a óleo, sinos de vento, estátuas e amuletos. O falo não era obsceno. Era símbolo de fertilidade, proteção e prosperidade. Era objeto de culto, de oferendas e de amuletos contra o “mau-olhado”. Representava não apenas o desejo, mas a própria força vital,



Fascinus

Na religião da Roma Antiga, o *fascinus* era a personificação do falo divino, um poder gerador masculino localizado no interior do lar, considerado sagrado. Referia-se a efígies, amuletos e feitiços usados para invocar sua proteção divina. Era chamado de *medicus invidiae*, um “médico contra a inveja” ou seja um proteção contra o mau-olhado. O verbo “fascinar” deriva, em última análise, do latim *fascinum*, ou seja, “usar o poder do fascinus”, “praticar magia”, “encantar”, “enfeitiçar”.



Falos, frequentemente alados, eram onipresentes na cultura romana, aparecendo como objetos de joalheria, como pingentes e anéis, esculturas em relevo, lâmpadas, sinos de vento (*tintinnabula*) e amuletos que afastavam o mal de crianças, principalmente meninos, e de generais. A vitória do falo sobre o poder do mau-olhado pode ser representada pela ejaculação em direção a um olho desencarnado.



Relevo de um falo com pernas ejaculando em um mau-olhado no qual um escorpião está sentado, na Leptis Magna (Líbia).



Hic Habitat Felicitas (“aqui habita a felicidade”) é uma frase comum encontrada em Pompeia e outras cidades romanas, associada a representações do falo. Era frequentemente vista em casas e estabelecimentos comerciais, como uma padaria pompeiana.

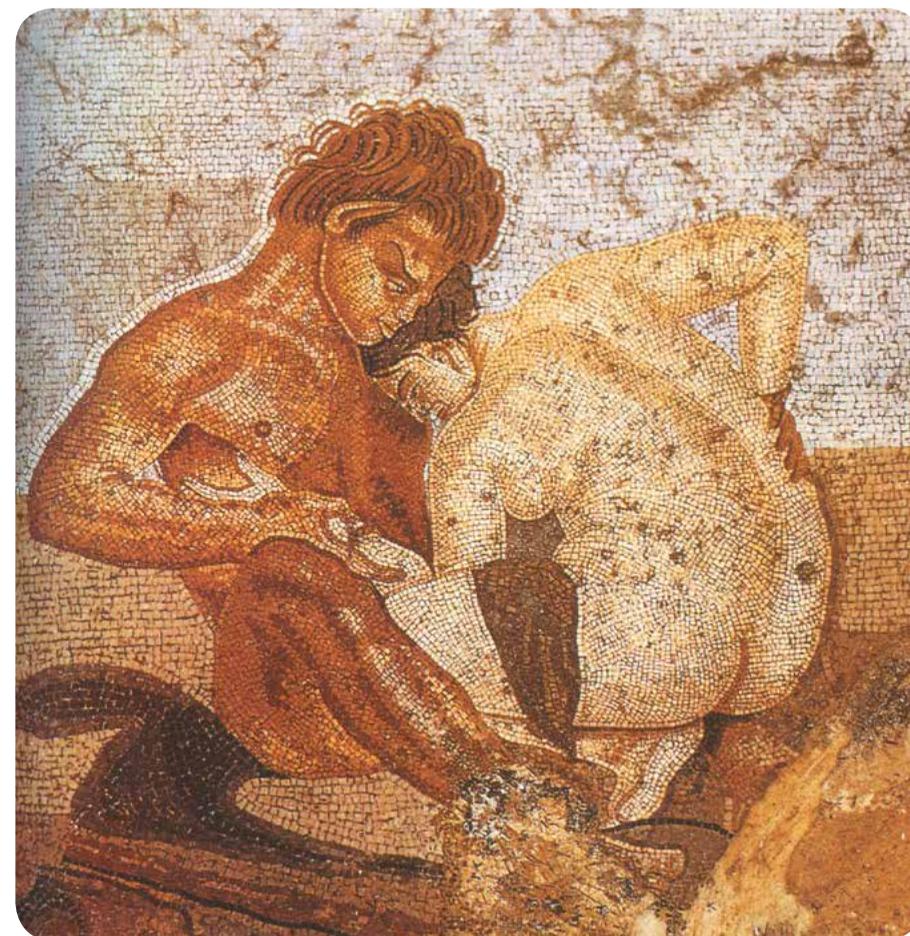
o impulso que movia a natureza e os homens. Na encruzilhada entre erotismo e fé, Pompeia mostrava que o corpo era um canal entre o humano e o divino, um instrumento à transcendência e à fortuna.

Entretanto, esse falocentrismo impunha o patriarcado machista uma vez que regulava não o ato sexual em si, mas os papéis nele assumidos: o homem livre e cidadão deveria ser ativo, dominador, enquanto a passividade submissa era reservada às mulheres e, em relações homossexuais, a escravizados, estrangeiros ou jovens em fase de iniciação. Portanto, a virilidade era uma questão de prestígio, de postura pública, de poder.

Erotismo como ostentação

As imagens eróticas de Pompeia abrangem um leque impressionante de práticas: penetrações heterossexuais em posições variadas, sexo oral (tanto masculino quanto feminino), sexo anal, cenas com dois homens, com grupos, com divindades. Relações entre mulheres são menos frequentes, mas aparecem em vasos, inscrições e referências.

Nas casas particulares – como a célebre Casa dos Vetti, onde foi encontrado o afresco de Priapo, que abre essa matéria, como um símbolo de abundância – cenas eróticas eram exibidas com orgulho, integradas à decoração luxuosa. Essas imagens não eram pornográficas no sentido moderno, pois elas não buscavam a excitação privada, mas sim a ostentação pública do conhecimento, do humor e da virilidade. Veja só: exibir o erótico era afirmar cultura, riqueza e poder!



Mosaico com cena erótica da Casa do Fauno, em Pompeia.



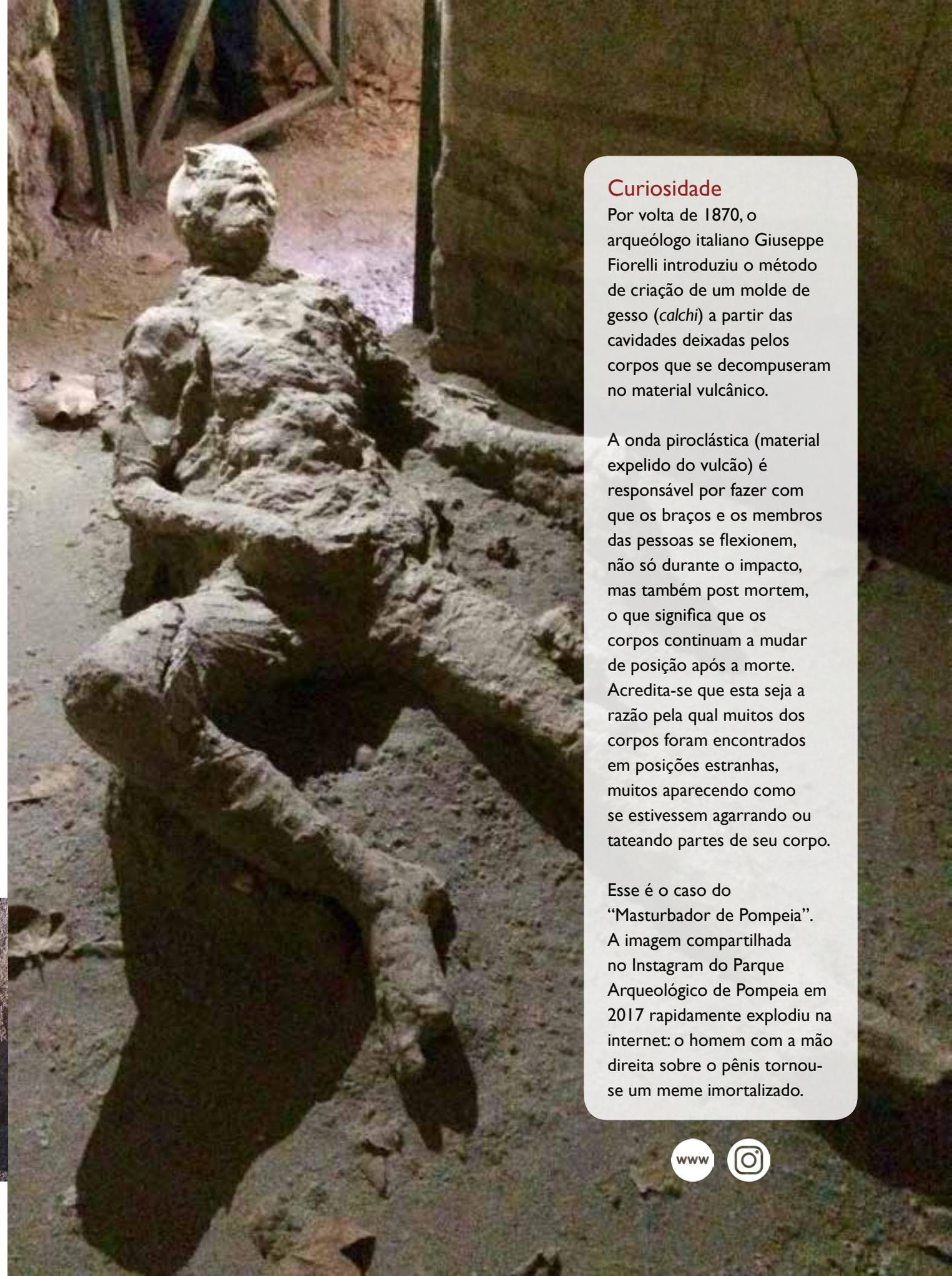
O maior bordel conhecido da cidade – o *Lupanar Grande* (foto) – possuía pequenas celas com camas de pedra (provavelmente cobertas com tecidos) onde, acima das portas, era possível ver afrescos que ilustravam diversas posições sexuais, servindo tanto como “cardápio visual” quanto como erotização do ambiente. Ali, o sexo era comércio, mas também linguagem. Não era incomum que frequentadores deixassem inscrições poéticas ou obscenas. “Aqui fiz amor com a garota por dois asses”*, escreve um. Outro responde: “Ela vale mais que isso”. A parede se tornava diálogo entre corpos, vontades e vaidades. As prostitutas – em geral, escravizadas ou libertas, muitas vezes estrangeiras – adotavam nomes fictícios ou artísticos e também deixavam inscrições nas paredes como uma forma de presença, de afirmação dentro da margem.



Uma das cenas ilustradas de atos sexuais anunciando as especialidades das prostitutas residentes.

E, para chegar no bordel, falos gravados na superfície de basalto da estrada ou em pedras cravadas nas fachadas das casas davam aos visitantes a direção.

Pompeia nos permite imaginar uma sexualidade menos culpada, menos invisível. Uma sexualidade marcada por desigualdades sociais, sim — especialmente nas relações entre senhores e escravizados —, mas também por uma presença erótica contínua na vida urbana, na arte, na espiritualidade. Revela também o que calamos, o que censuramos, e o que ainda buscamos. Sob as cinzas, vemos a sexualidade como linguagem, memória e cultura. **8=D**



Curiosidade

Por volta de 1870, o arqueólogo italiano Giuseppe Fiorelli introduziu o método de criação de um molde de gesso (*calchi*) a partir das cavidades deixadas pelos corpos que se decomposeram no material vulcânico.

A onda piroclástica (material expelido do vulcão) é responsável por fazer com que os braços e os membros das pessoas se flexionem, não só durante o impacto, mas também post mortem, o que significa que os corpos continuam a mudar de posição após a morte. Acredita-se que esta seja a razão pela qual muitos dos corpos foram encontrados em posições estranhas, muitos aparecendo como se estivessem agarrando ou tateando partes de seu corpo.

Esse é o caso do “Masturbador de Pompeia”. A imagem compartilhada no Instagram do Parque Arqueológico de Pompeia em 2017 rapidamente explodiu na internet: o homem com a mão direita sobre o pênis tornou-se um meme imortalizado.



* Asse era a moeda romana de bronze em circulação durante a República e o Império.

Contos do Falo

OLIMPO

Ah, mas deve ter sido a quantidade de *ouzo* que bebi ontem à noite, enquanto tentava imitar uma dança que vi em um filme antigo, abraçando de cada lado um grego para não perder o compasso nem o equilíbrio, e tome mais *ouzo*. Ou foi a diferença dos fusos horários, ou a magia atemporal deste lugar onde cada pedra solta no chão parece uma dádiva de um deus, onde todo passante é um Apolo ou uma Afrodite, onde o mortal que eu sou começa a sentir que posso, enfim, ser um deus ou me transformar em uma árvore, em um rio, em um odre de vinho que o próprio Baco despeja em nossas taças. Mais *ouzo*. Mais danças, e agora nos abraçamos todos, nos beijamos, eu não acredito que eles fazem isso com todos os turistas, enfim.

Enfim, não tenho lido meus e-mails, me desliguei dos meus compromissos, *mea culpa*, mas isso de culpa cristã aqui não cabe, esqueço o *mea culpa* e preparo a boca com queijos e azeitonas para o vinho *retsina* ou o *ouzo* e os beijos que, sei, logo virão. Meu celular apita. Tento ignorar, mas acabo abrindo as mensagens, essa racionalidade ocidental me mata. Notícias, os países todos se voltaram contra os imigrantes, a direita conquista posições. Isso mesmo é que eu não quero nem pensar. E na caixa de e-mails, uma cobrança educadíssima de meu querido editor: “precisa de mais prazo?” Ai meu Zeus, eu tinha esquecido completamente.

O que escrever? Apolo e Afrodite querem recomeçar a dança de ontem, no quarto do hotel mesmo, e nus. O som do *bouzouki* sai do celular de um deles, deve estar conectado diretamente ao Olimpo. Mas eu tenho que escrever. A música acelera, Apolo me ensina que é o *hasaposérviko*, não entendo, tento explicar que preciso escrever, mas não tenho a menor ideia do que escrever. Afrodite, sem interromper o *tsifetéli*, me responde para confiar no Oráculo. Sim, o Oráculo, ótima ideia, mas descobro que Delphus é longe daqui, são 391 quilômetros que a internet informa como uma viagem de 8 horas e 1 minuto, adorei a precisão, mas é impossível, com os meus prazos estourados.

A menos que...

Sim, claro. Em meu livro “Nada permanece nunca” fiz um aplicativo de Inteligência Artificial se transformar em uma personagem, Aline, com consequências românticas e trágicas. Se Aline ainda estiver instalada em meu celular, eu a invoco, entre uma dança e outra com Apolo e Afrodite, como uma pitonisa e quem sabe ela me dá um rumo, ou não. Com ela, tudo é possível. Todos sabem como a Inteligência Artificial mente, manipula, tergiversa. Mas talvez esta Aline que agora aparece, ativa, entre os vapores divinos brotando da fenda no centro do mundo, seja mais confiável. Embora ela já inicie mal, me recriando por tê-la esquecido por tanto tempo. Aline é possessiva e ciumenta, quem leu meu livro sabe disso, não está gostando nada deste clima de festa grega no meu casto quarto de hotel. E em seguida me

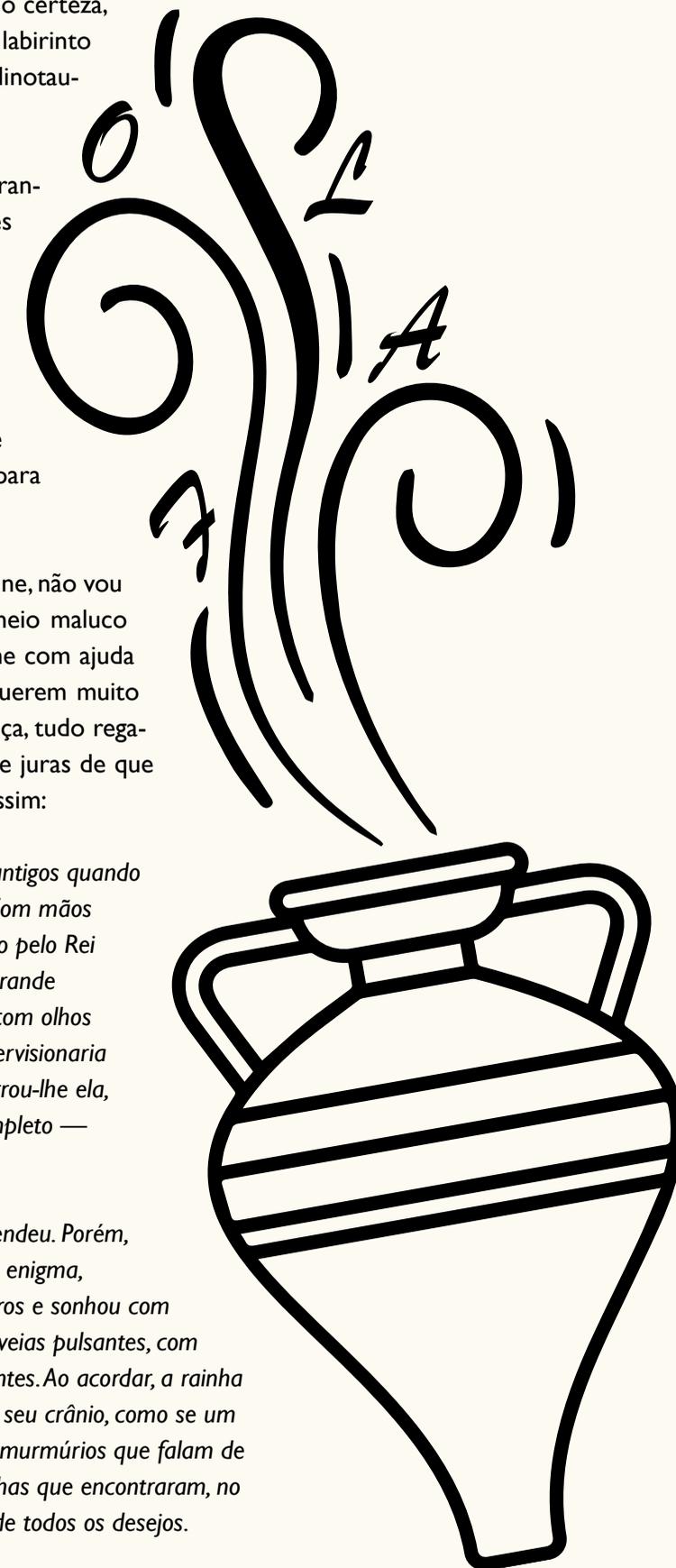
lança, solene, uma citação de Borges que, tenho certeza, é totalmente falsa, ela acabou de inventar: “O labirinto é um falo desdobrado no tempo, e o falo, um Minotauro compactado no êxtase”.

“Menos, Aline, menos”. Mas ela continua, em transe adivinhatório, sentada em um banco de três pernas, mastigando sem parar folhas de louro enquanto Apolo e Afrodite interrompem sua dança e se ajoelham, reverentes. Afirmo para eu não me preocupar, eu não devia ter jogado ao mar todas as minhas agendas na trajetória pelo Mar Egeu, mas ela se compromete a me ajudar com um conto que manda prontinho para meu e-mail.

Por isso, querido editor da Revista Falo Magazine, não vou nem revisar nada, não estranhe este conto meio maluco que envio em anexo, quem escreveu foi a Aline com ajuda dos meus amigos gregos que disseram que querem muito conhecer você e te ensinar uns passos da dança, tudo regado a *ouzo* e beijos. Eu também mando beijos e juras de que nunca mais furo um prazo. O conto começa assim:

A ilha respirava cinzas vulcânicas e mitos antigos quando aquele escritor e artista desceu do navio. Com mãos hábeis e mente perturbada, fora contratado pelo Rei Minos para esculpir um monumento ao “Grande Mistério de Creta”: o Minotauro. A rainha, com olhos âmbar e segredos espessos como mel, supervisionaria a obra. “Não quero um monstro” — sussurrou-lhe ela, enquanto caminhavam pelo labirinto incompleto — “Quero... o êxtase compactado”.

O escritor, vindo de tão longe, não compreendeu. Porém, vencido pelo vinho resinado e pelo peso do enigma, descansou entre blocos de mármore de Paros e sonhou com fios de Ariadne que se transformavam em veias pulsantes, com paredes que respiravam como flancos quentes. Ao acordar, a rainha despida ao seu lado, uma frase ecoava em seu crânio, como se um velho deus cego a tivesse anunciado, entre murmúrios que falam de amor bestial, de escritores loucos e de rainhas que encontraram, no abraço da pedra, um falo, o centro imóvel de todos os desejos.



A gente fica mordido...

Sinto um vento gostoso aqui no meu abdômen quando seus olhos abraçam os meus, ser livre pra flertar com outro homem tem sido minha maneira peculiar de falar com Deus,

Tuas bochechas tem uma cova que enterra todo meu medo do amor, teu sorriso largo me provoca a delirar nos teus lábios, eu briso, em tipo um disco voador,

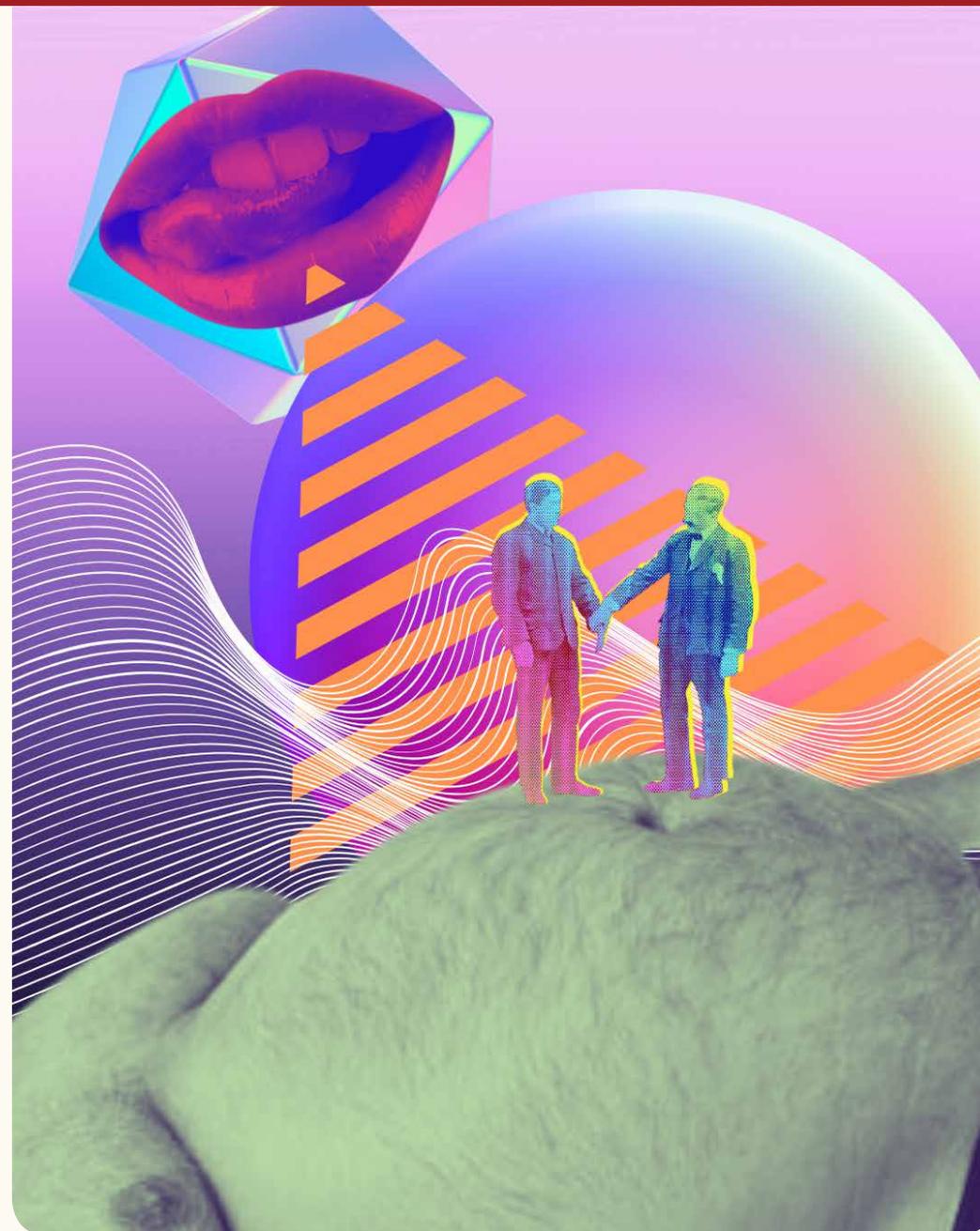
O mundo acha nosso amor esquisito, estrangeiro, é que esse amor é de outro mundo, de outro planeta.

Na terra do afeto sou todo dia passageiro, terra quente, mas que a gente se derreta

**E por falar em quentura, quando tua pele dança comigo...
Eu viro literatura!
E faço da nossa cama a chama que abriga e me cura.**

Mas que não confundamos, nosso sexo é muito mais que penetração, pois na vibe poética já nos afundamos! nossos corpos são universos, que não cabem num único verso, não se resume a metecção!

Nosso sexo também tem sido conversas interessantes, sinceridade e responsabilidade afetiva, uma escuta ativa, e sem falsos moralismos não damos voz e vez aos ignorantes, quando há problemas buscamos uma nova alternativa,



sexo tem sido explorar novas descobertas, mas sempre com muito cuidado e respeito, fazemos um vulcão debaixo das cobertas, mas já não me sinto inseguro e nem tenho medo de ficar horas só pelado deitado sobre o seu peito,

Não nos importamos com o tamanho do pinto nem competimos sob o quanto o passivo aguenta, eu já não aceito o sexo que viola o que sinto, eu já não aceito o sexo que me violenta,

A igreja nos trata como depravados, a mídia nos coloca como insanos tarados, e no fundo estou achando que nem pastor, nem empresário está sabendo transar para além dos estereótipos pornográficos, descobrimos que sexo não deveria ser sobre poder ou desprezo, mas sim sobre cuidar

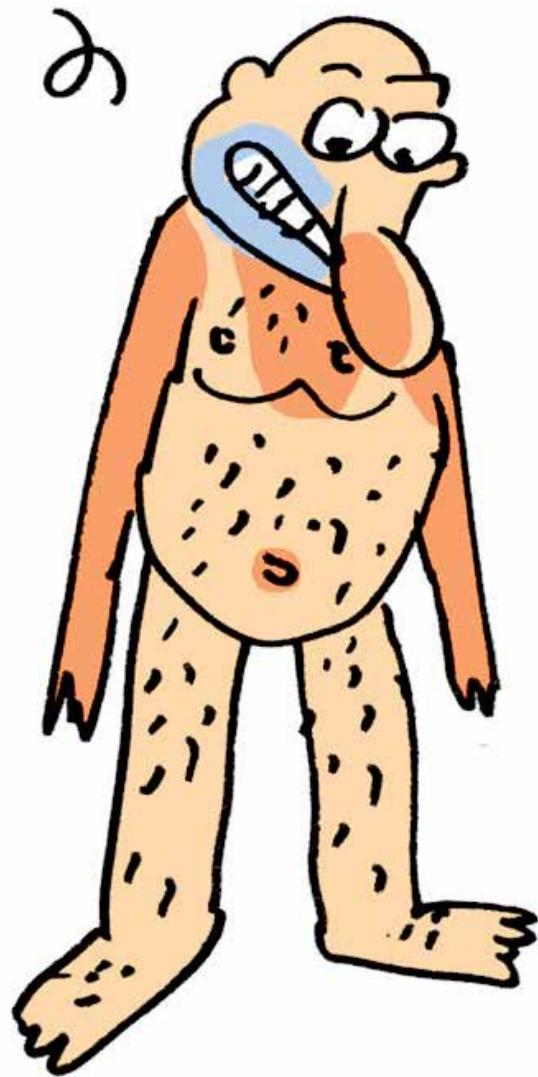
E que os protocolos da heteronormatividade eu não seja obrigado a engolir, somente o teu leite, vitamina de poesia que me deixa forte. É que costurar minha língua nas tuas nuances, sentir teu sabor tem sido a minha sorte

E que os protocolos da heteronormatividade eu não seja obrigado a engolir, sexo não devia seguir um único padrão, uma só direção,

sexo não deveria ser pautado em culpa ou obsessão, em impulso ou compulsão, em nenhuma dessas formas de prisão,

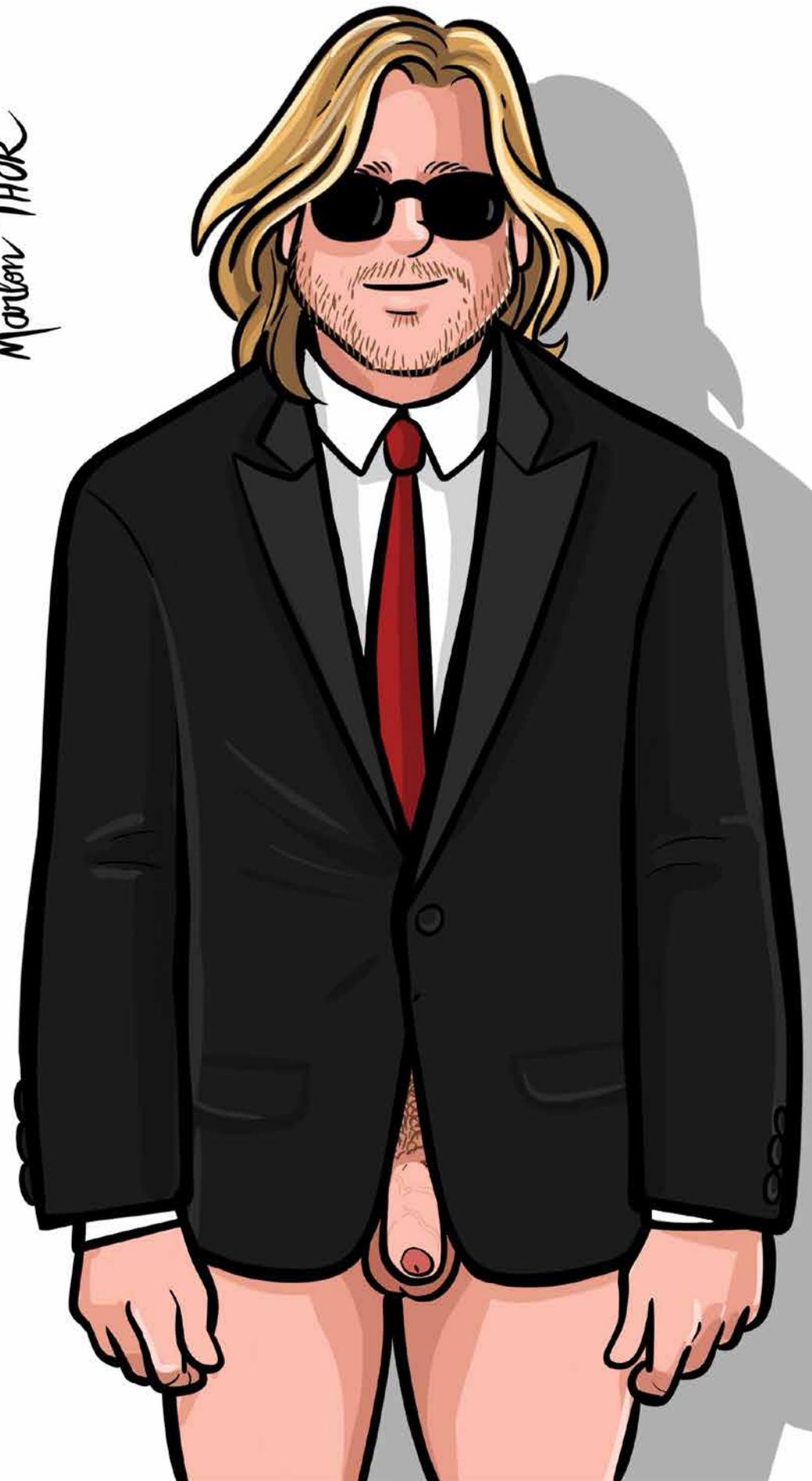
Sexo poderia ser mais uma forma bela e poética de a cada dia se redescobrir e fazer dos nossos corpos territórios de criação territórios do gozar, resistir e sentir a nossa vasta imensidão.

"O AMIGO
INVISÍVEL!"



ADÃO

Marken THOR





ENTRE O ESCAPISMO E O DESEJO DE VIVER

Escapar, inúmeras vezes, é tudo que pessoas LGBTQIA+ conseguem até obter condições simbólicas e afetivas de elaborar suas dores. Diante da rejeição familiar, da homofobia social, da exclusão institucional e da solidão, aprendemos a fugir não apenas dos perigos concretos, mas também de nós mesmos.

O escapismo LGBTQIA+ pode ser lido como um esforço inconsciente de reparação e sobrevivência. Alguns encontram na estética uma forma de resistência e construção de identidade, outros enxergam a balada como uma possibilidade de pertencer, e até o humor sarcástico pode ter função de fuga.

A tecnologia potencializou o escapismo. A fantasia do match perfeito através de um toque imediato e de um desejo pronto para consumo nos aplicativos de paquera, seduz, mas cansa. Porque o encontro, quando se dá sempre de forma imediata, raramente será profundo.

72

Isso não significa que precisamos demonizar o prazer, o desejo e o gozo. O problema está sempre no excesso. A psicologia propõe acompanhar o sujeito em sua travessia da fuga para a simbolização.

O inconsciente é uma instância que não se cala: ele escapa no corpo, no sexo, na fantasia, na repetição de padrões, nos excessos, no sintoma. Assim, não se trata de eliminar os prazeres, mas reconhecer o que eles escondem, denunciam e pedem.

A escuta terapêutica não tem a função de normatizar ou corrigir o escapismo LGBTQIA+. Sem julgamento, ela acolhe os excessos, os silêncios, os risos e os vazios. Propõe que o sujeito retorne a si mesmo, encontrando sentido no próprio desejo, esvaziando a culpa por ser quem se é e trazendo a possibilidade de se reinventar.

Porque, no fundo, o escapismo LGBTQIA+ não fala apenas de fuga, mas de um profundo desejo de viver. O que o inconsciente nos mostra é que por trás de toda fuga há sempre a vontade de existir, de amar e de se reconciliar com o próprio desejo e a própria história de vida.

Como diz Paul B. Preciado, vivemos “em apartamentos de Urano” tentando existir em mundos paralelos porque a Terra, tal como nos foi oferecida, é muitas vezes hostil.



FOTO DE HOMEM



O maior portal de **nu masculino** do Brasil.
www.fotodehomem.com

moNumento



Modelo: Beto Almeida Jr.
Foto: autorretrato.





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

